

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

JEAN FELIPE MOTTA

**REFLEXÕES DO DIGITAL: O WPP E A SALA DE AULA – UM ESTUDO DE CASO
NA EMEM EMÍLIO MEYER**

**PORTO ALEGRE
2022**

JEAN FELIPE MOTTA

**REFLEXÕES DO DIGITAL: O WPP E A SALA DE AULA – UM ESTUDO DE CASO
NA EMEM EMÍLIO MEYER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Evandro Alves

**PORTO ALEGRE
2022**

JEAN FELIPE MOTTA

**REFLEXÕES DO DIGITAL: O WPP E A SALA DE AULA – UM ESTUDO DE CASO
NA EMEM EMÍLIO MEYER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA

Presidente Prof. Evandro Alves
(FACED/UFRGS)

Profa. Rosimeri Aquino da Silveira
(FACED/UFRGS)

Prof. Rafael Arenhaldt
(FACED/UFRGS)

Porto Alegre, 20 de maio de 2022.

AGRADECIMENTOS

Antes de qualquer coisa, este trabalho é escrito por um cigano, da mesma forma que é um trabalho nômade, pois foi escrito em três cidades distintas, em três tempos e realidades diferentes: Porto Alegre, Florianópolis e Londrina. Nenhum agradecimento pode resumir a amplitude de pessoas, espaços e aprendizados ao longo de toda a minha trajetória de vida. A graduação foi praticamente um mestrado e um doutorado conjuntos, não por puro prazer, mas sim pelo condicionamento da minha realidade de estudante trabalhador. O trabalho foi escrito com afinco, em meio aos altos e baixos da vida pessoal, uma pandemia, um desgoverno e a exaustão da rotina de um trabalhador.

Primeiramente agradeço a minha mãe Eliana, por ter me dado a vida e a oportunidade de vivenciar a existência entre diferentes espaços e realidades sociais, proporcionando uma bagagem intelectual autêntica. Agradeço do fundo meu coração ao meu amor Thalita, por nos últimos anos ter me incentivado e, especialmente nos últimos meses, ter sido uma ouvinte, leitora e crítica.

Agradeço ao meu colega e amigo Lucas, por ter me suportado como um louco, dentro de um quarto duplo de hotel, enquanto terminava a escrita deste trabalho em Londrina, durante uma viagem profissional na cidade, em maio de 2022. Bem como agradeço a compreensão de todos os demais colaboradores do Hotel Crillon em Londrina, por toda sua boa vontade com todos os bons serviços e por me aturarem também nas madrugadas no saguão, enquanto deixava o Lucas dormir em paz.

Além disso, agradeço a Tâmisa, grande amiga, colega e parceira nos primeiros anos dessa jornada, por ter sempre me apoiado e torcido por mim, na graduação e na vida. Bem como a todas e todos os colegas, educadores, que de uma forma ou de outra contribuíram para minha formação. Agradeço de toda boa vontade aqueles que lembro com a devida fraternidade, mesmo que perto ou longe, que presentes ou ausentes da vida atual.

E por último, mas não menos significativo, ao professor Evandro por não desistir de minha orientação, mesmo com tantos atrasos e complicações. Da mesma forma, agradeço a professora Rosi e ao professor Rafael por aceitarem o desafio de compor minha banca tão em cima da hora. Um grande abraço a todos e... gratidão ao Tim Maia por me fazer companhia com sua trilha sonora!

RESUMO

O presente trabalho se inscreve no debate do ensino de sociologia e o uso de TICs, em especial de grupos de turma no WhatsApp, como afetam o processo de ensino aprendizagem e a relação educador-educando. Buscando debater os limites dos efeitos do uso dos grupos, bem como o processo de aprendizagem na formação de um senso crítico do educador-educando. O trabalho é um estudo de caso, foi realizado entre agosto de 2018 e novembro de 2019, na EMEM Emílio Meyer, através do programa piloto de Residência Pedagógica da Licenciatura em Ciências Sociais. Para tal empreendimento o trabalho tem como referencial e aporte teórico conceitos advindos da antropologia da cibercultura, teoria ator-rede, paralelos com teorias clássicas da antropologia e cibernética, além de interface com a educação. A metodologia adotada compreende uma etnografia no espaço escolar (como o laboratório de informática e sala de aula) e nos ambientes digitais (redes sociais). Destaca-se como uso central para descrição os cadernos de campo, em face a falha parcial da proposta do uso dos grupos de turma no WhatsApp e adoção de uma abordagem mais tradicional no processo de ensino-aprendizagem. Nesses cruzamentos, o trabalho busca trazer reflexões sobre as possíveis contradições e afetações contextuais dessa falha de uso.

Palavras-chave: Antropologia da Educação, Cibercultura, Educação, Ensino-aprendizagem, Etnografia, Estudo de caso, TICs, WhatsApp.

ABSTRACT

The present work is part of the debate on the teaching of sociology and the use of ICTs, especially in WhatsApp class groups, as they affect the teaching-learning process and the educator-student relationship. Seeking to debate the limits of the effects of the use of groups, as well as the learning process in the formation of a critical sense of the educator-student. The work is a case study, it was carried out between August 2018 and November 2019, at EMEM Emilio Meyer, through the pilot program of Pedagogical Residency of the Degree in Social Sciences. For such an undertaking, the work has concepts of reference from the anthropology of cyberculture, actor-network theory, parallels with classical theories of anthropology and cybernetics, as well as an interface with education. The methodology adopted comprises an ethnography in the school space (such as the computer lab and classroom) and in digital environments (social networks). Field notebooks stand out as a central use for description, given the partial failure of the proposal to use class groups on WhatsApp and the adoption of a more traditional approach in the teaching-learning process. In these crossings, the work seeks to bring reflections on the possible contradictions and contextual affectations of this failure to use.

Keywords: Anthropology of Education, Cyberculture, Education, Teaching-Learning, Ethnography, Case Study, ICTs, WhatsApp.

LISTAS DE SIGLAS

EMEB	Escola Municipal de Educação Básica
EMEM	Escola Municipal de Ensino Médio
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IES	Instituição de Ensino Superior
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
RP	Residência Pedagógica
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
SEDUC	Secretaria Estadual de Educação
SMED	Secretaria Municipal de Educação
TICS	Tecnologias da informação e comunicação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Justificativa	10
1.2 Objetivos	12
1.2.1 Objetivos Geral	12
1.2.2 Objetivos Específicos	13
2. DESAFIOS À SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS.....	14
3. RESIDENCIA PEDAGÓGICA: A PROPOSTA DA DOCÊNCIA E PESQUISA NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO MÉDIO EMÍLIO MEYER	18
3.1 Diário de campo – o contexto, cenário e as implicações	19
3.2 Diário de campo – os dados em cena: entrevistas, observações e afetações.....	22
3.3 Diário de campo – os grupos de <i>WhatsApp</i> eram extensões das salas de aula	31
3.4 A vivência com as turmas 36 e 56.....	33
3.5 Uma breve análise dos trabalhos das turmas 36 e 56.....	40
4. CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS	
BIBLIOGRÁFICAS.....	45
APÊNDICES.....	48

1. INTRODUÇÃO

Objeto de Pesquisa

- As Tecnologias de Informação (TICs), mais especificamente os ambientes digitais (WhatsApp), enquanto possíveis intermediadoras da relação educador-educando.

O presente trabalho busca pensar sobre o uso do WhatsApp na educação. A pesquisa e experiência docente é um estudo de caso, desenvolvido durante o programa de Residência Pedagógica na Escola Municipal de Ensino Médio Emílio Meyer. A partir da inserção em campo e docência foi possível tecer reflexões sobre a utilização do WhatsApp e seus possíveis efeitos, a partir de elementos como a troca de saberes e a elaboração da visão de mundo dos estudantes.

A partir deste cenário, podemos debater algumas implicações no cotidiano escolar, no uso das tecnologias, sua relação com a informação e formação. Dentre essas implicações, a utilização do WhatsApp/Facebook como disseminador de informações, é um dos pontos de contato com educadores e educandos, suas visões polarizadas da conjuntura social, de suas sociabilidades e do próprio caráter formativo destes atores (LUCENA, PEREIRA E OLIVEIRA, 2016). Dentro disso, é interessante observar como os conteúdos informacionais mobilizam diferentes interpretações, bem como suas relações, buscando compreender parte do processo de construção de diferentes perspectivas da realidade.

Vivemos um momento de ampliação nas possibilidades do uso da tecnologia na educação, onde o acesso à informação e a construção dos saberes formais e informais estão acessíveis através de um smartphone conectado à Internet. Diariamente nos mais diversos espaços, das filas nas padarias, aos coletivos de transporte público, pelas ruas que nos levam ao trabalho ou a escola, e finalmente dentro de nossas casas, vemos sujeitos conectados a dispositivos tecnológicos. Não é surpreendente perceber os novos caminhos por onde as relações sociais percorrem, onde a interação humana, e relação com sua natureza e meio é intermediada por essas novas tecnologias da informação.

Até o final do século XX, antes da chamada “sociedade em rede” vivíamos “uma espécie de participação passiva em que a cultura e os saberes eram produzidos por poucos e difundidos no modelo um para todos” (COUTO, 2014, p.49 apud CASTELLS, 2007). A sociedade em que vivíamos não nos permitia uma agência sob a produção cultural, a interatividade e a manifestação de nossas subjetividades eram potencialmente menores.

Bem como os saberes eram ligados ao restrito acesso do mundo analógico: dos jornais, revistas, livros, do rádio e da TV. Assim “de modo geral, as pessoas eram reduzidas ao consumo: de produtos, informações e saberes. Durante várias décadas, para muitas pessoas, a vida podia ser resumida em trabalhar, dormir e ver TV” (COUTO, 2014, p.49).

Neste contexto urge a necessidade de incorporar as tecnologias da informação na educação, e as suas interfaces com a cibercultura, na busca por entender quais os desdobramentos as novas tecnologias da informação implicam aos processos educativos e sociais, ou seja: a própria formação da(s) identidade(s) no contexto atual. Com a “chamada revolução da web 2.0” (COUTO, 2014), emergem uma série de possibilidades de novas perspectivas para a escolarização no ciberespaço, acessado por dispositivos variados (smartphones, tablets, notebooks), através do vasto mundo da Internet, que se alarga com as chamadas “redes sociais” (Facebook, Instagram, WhatsApp e Youtube), contando ainda com uma infinidade softwares, jogos, bibliotecas de livros, discos e filmes, dentre as inúmeras opções disponíveis.

Estudos de diferentes áreas da ciência já apontam para interessantes contribuições das tecnologias, como a alfabetização por meio de dispositivos portáteis (utilizando smartphones e tablets), ou da potência das chamadas “redes sociais”, como o Facebook, onde as nossas subjetividades são motivadas a compartilhar, curtir e expor potencialidades (COUTO, 2014). Considerando isso, é fundamental pensar como a escola, uma instituição secular, com um histórico de práticas culturais conservadoras, focadas na figura do professor enquanto regente, se abrem para estas novas tecnologias.

Ressalta-se aqui, a relevância de observar na sociedade contemporânea – em que crianças, jovens e adultos portam smartphones com acesso à Internet – a contingência de essas tecnologias serem utilizadas para a educação formal. Em específico, o potencial das redes sociais, através de seu aparato e funcionalidades multimídias, como um complemento às atividades educativas, ou mesmo uma sala de aula “virtual”.

1.1 JUSTIFICATIVA

A escola enquanto instituição histórica foi fundamentada com bases em uma estrutura rígida. Seu modelo de salas de aula, com classes enfileiradas umas atrás das outras, o quadro-negro (hoje, branco), é o lugar onde cotidianamente a cena se repete: o professor explanando conteúdos, de pé em sua posição autoritária, e os alunos sentados,

passivos ouvintes. Esta clássica descrição existe desde o século XVIII e em grande medida ainda perdura até os dias atuais.

Apesar dos grandes avanços tecnológicos, da modernização da vida humana e sua relação com as máquinas, a escola vem se reestruturando somente após a primeira década do século XXI. Percebemos, conforme aponta Escobar (2016), que os regimes ciberculturais ainda não são percebidos em sua profundidade, e muitas vezes, nem ao menos de uma forma crítica que possa alargar a percepção dos novos modos de vida que as relações humano-máquina produzem. Ainda que nossas identidades viagem pela rede mundial de computadores, e que através do ciberespaço, na Internet se materializem, as tecnologias da informação ainda não são totalmente exploradas no cotidiano escolar. Conforme Costa traz:

O espaço escolar não tem acompanhado a evolução rápida dos meios de comunicação e principalmente das formas de comunicação e interação que as pessoas utilizam nos dias atuais, tais como as redes sociais. Hoje a escola possui tecnologia, como computadores e Internet, o que falta é um uso adequado para transformar este recurso em um facilitador da comunicação e da aprendizagem dos alunos. (COSTA, 2015, p. 8)

Sendo assim, é essencial repensar a escola, sobretudo a partir da relação educador-educando, tendo como diferencial as possíveis contribuições que as tecnologias da informação podem trazer, através da Internet, na amplitude do ciberespaço e as "redes sociais". Especialmente ao considerarmos a perspectiva de Paulo Freire (1996), em sua defesa por uma relação educador-educando horizontal, perseguidora da autonomia e baseada no diálogo entre educador e educando. A comunicação é um ponto chave, para um efetivo processo de construção conjunta de saberes, e precisamente neste ponto, as tecnologias da informação podem promover uma nova experiência. O papel do educador é assumir uma visão ética, "o pensar certo" (FREIRE, 1996) exige humildade e abertura para o novo, assim Freire exemplifica com a prática:

Não tenho dúvida nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes das classes sociais chamadas favorecidas. Não foi por outra razão que, enquanto secretário de educação da cidade de São Paulo, fiz chegar à rede das escolas municipais o computador. Ninguém melhor do que meus netos e minhas netas para me falar de sua curiosidade instigada pelos computadores com os quais convivem. (FREIRE, 1996, p. 53)

Entretanto, atualmente as tecnologias são uma realidade cada vez mais presente nas escolas na rede pública e privada, porém pouco exploradas em suas múltiplas escolhas

de uso. No que toca especialmente as "redes sociais", ainda existem desconfianças, mas novos estudos vêm desmistificando isso, a citar os incluídos nesta bibliografia. Bem como os diálogos ocasionais na sociedade, reverberando em temas de notícias que ecoam como promessas de novos tempos no senso comum.

Da mesma forma, o estudo de caso de Costa (2015), realizado em uma escola da rede pública, demonstra a importância da utilização do Facebook como complemento ou sala de aula alternativa e a efetividade da "rede social" para o ensino. Em contrapartida, critica o quanto os professores ainda são receosos e não se habituaram com a inserção das tecnologias em sala de aula. As razões são variadas, pois ainda que os professores reconheçam a materialidade da cibercultura, alguns não dominam as tecnologias disponíveis na escola, ou ainda estão inseguros de como poderão inseri-las sem perder o foco da aula.

Por esta razão a escolha por pesquisar os usos do *Facebook/WhatsApp* (ambientes digitais), pode dar resposta à pergunta de partida: "Como as tecnologias da informação intermeiam a relação educador-educando?". Para além disso, pode contribuir para o debate teórico entre a antropologia da cibercultura e a educação, pensando nas relações humano-máquina, na socialização e processos de ensino e aprendizagem. Com o recorte do *Facebook/WhatsApp*, porém atento aos usos das tecnologias além das que habitam o ciberespaço, no extenso cosmos da Internet, por isso a necessidade de uma pesquisa online nos grupos (*WhatsApp*) pertinentes as turmas e nas salas de aula padrão. Sobretudo, em ambos os contextos, atentando ao uso das tecnologias, analisando a associação delas pelos atores, parte da relação educador-educandos e seus processos de ensino e aprendizagem.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Este trabalho tem como objetivo realizar um estudo sobre o uso WhatsApp como ferramenta pedagógica em sala de aula, com enfoque na dinâmica da relação educador-educandos, em sala de aula regular e online em grupos de turma no WhatsApp.

1.2.2 Objetivos específicos

I. Acompanhar e descrever as atividades de educador e educandos nos grupos de turma no *WhatsApp*;

II. Acompanhar e descrever as atividades do educador e educandos nas aulas regulares (sala de aula), de uma turma onde existe a inserção dos grupos de *WhatsApp*, e outros recursos pedagógicos, que podem se relacionar a tecnologia;

III. Identificar e analisar as publicações que circulam e são discutidas entre educadores e educandos;

IV. Mapear ações educativas nessa rede compartilhada (Sala de Aula/ Grupo *WhatsApp*/Outros espaços escolares) e descrever a produção dos saberes;

V. Descrever a visão do educador e educandos sobre o uso do *WhatsApp*, do acesso à Internet, dispositivos tecnológicos de acesso (*smartphones*, computadores e similares), suas possíveis contribuições e desafios.

2. DESAFIOS À SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Dentre os conceitos aqui utilizados, é fundamental delinear as seguintes noções: cibercultura, ciberespaço, rede e agência na associação de humanos e máquinas. Primeiramente, ao pensarmos em cibercultura como expressão de uma nova cultura, num processo que a ressignifica por meio das reformulações tecnológicas na vida humana, presumimos que essa concepção seja suficiente para explicar esses novos modos de compreender a sociedade. E que possam ser simplesmente explicados com o enquadramento da cibercultura, afinal esse conjunto de invenções técnicas atribuídos a agência humana nos conduz a novos paradigmas sociais. Dado que a preeminência dos nossos novos vínculos com as máquinas modifica a compreensão de agência nas relações sociais pelos conceitos de rede e ciberespaço.

No entanto, conforme Segata (2011, apud STRATHERN, 2006, WAGNER, 2010) esse jogo teórico para autoexplicar a sociedade e cultura funciona como uma bengala para apoiar o olhar do antropólogo, “não há a entidade sociedade - há elementos que eu reúno em minha descrição sob um rótulo que me estabelece critérios para a organização dessa descrição” e da mesma forma utilizar a cultura para descrever a sociedade não resolve o problema “cultura não explica, cultura não é uma coisa, cultura como sociedade é um modo de organizar uma descrição de coisas” (Segata, 2011).

Em segundo lugar, é preciso definir o ciberespaço, nele as redes e a agência na associação de humanos e máquinas. Em sua conceituação mais aceita o ciberespaço é “como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 92), representa um produto do esforço da ciência computacional, com seus algoritmos que geram a infinidade de sistemas operacionais, programas e uma estrutura que permite por exemplo que, um computador doméstico ou um *smartphone*, execute uma série de funções digitais, muito mais do que a interconexão e comunicação da Internet, permite diferentes ações num ambiente virtual, como: pesquisar, ler, escrever, ouvir música e etc.

Dentro disso, em princípio, pensar as redes na dimensão do ciberespaço é pensar na interconexão das pessoas, nas relações sociais, na comunicação, no vínculo e nas comunidades virtuais, evidenciados pela viabilidade do e-mail, fóruns, blogs, e hoje *Facebook* e *WhatsApp*. O ciberespaço, como objeto da cibercultura, parece nos oferecer

um contexto particular de "redes sociais", onde podemos como exemplo analisar a relação educador-educandos, e sua agência na associação humano-máquina.

No que se segue, em termos de autores referência para as Ciências Sociais, trazemos também as contribuições de Latour (2016) com a Teoria Ator-Rede, que critica o ponto de análise nas produções em ciências sociais, tratando das distorções nas leituras polarizadas entre sujeito e sociedade. Para contribuir com as sociologias das redes traz o conceito do "faz-fazer", que desloca a análise para a ação, se interessando pelo que pode ser apreendido precisamente da associação. Temos que, a Teoria Ator-Rede pode dar luz ao que entendemos atualmente por "tecnologia da informação/comunicação" e sua interferência na relação educador-educando, é deslocando nosso olhar da rede (*Facebook/WhatsApp*) e nos focando no "que importa são os efeitos que esses 'atores' fazem fazer" (SEGATA, 2011).

Em suma, o interesse desta pesquisa não é ter como objeto o *Facebook* ou *WhatsApp* em si, tampouco deslegitimar a preeminência da tecnologia, ou dos estudos da cibercultura e do ciberespaço, *mas sim analisar os efeitos da ação educador-educando no/atravs do WhatsApp e como nesse fluxo de ações o WhatsApp pode constituir tal relação, e vice-versa*. E aqui vale destacar que tanto o *Facebook*, quanto *WhatsApp*, são contextos que formam ambientes digitais e que é a partir do campo que surgem as memórias, narrativas e elementos de reflexão.

Paralelo a essas considerações, é preciso neste momento se focar estritamente na relação educador-educando, tendo por exemplo o aporte de outros estudos relacionados ao *Facebook/WhatsApp*. No que concerne especialmente a relação educador-educando, Freire (1996) foi um notável opositor ao formato tradicional de ensino, datado por séculos de escolarização, onde o professor era uma figura autoritária, ao que o autor denominava uma educação bancária, em que o aluno mecanicamente se limitava a sentar e decorar o conteúdo.

Resumidamente, Freire defende que o professor não transfere conhecimento ao aluno, pois todos possuímos saberes, o educador também é sujeito no processo de ensinar "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém" (FREIRE, 1996, p. 67). Além disso, Freire defende que o educador crítico deveria ser humilde e ético, sua autoridade se dá no esforço do "pensar certo", o "ensinar certo" possibilita a autonomia ao educando. Dessa forma o educador crítico compreende a materialidade histórica-social e não teme a tecnologia:

Educar é substantivamente formar. Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado. De testemunhar aos alunos, às vezes com ares de quem possui a verdade, um rotundo desacerto. Pensar certo, pelo contrário, demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e interpretação dos fatos. (COSTA, 2015, p. 22, apud FREIRE, 1996, p.33)

Atualizando as concepções freirianas do pensar e ensinar certo rumo a autonomia dos educandos, Costa (2015), assume que construir um saber em conjunto é também respeitar o saber dos educandos, sua história e identidade cultural. Neste aspecto histórico-social, a cibercultura, vivenciada pela Internet em sua parcela do ciberespaço, representada aqui pelas redes sociais, é parte não apenas de uma inovação advinda das tecnologias da informação; nesse recorte não é apenas uma invenção científica ou descrição antropológica para organizar uma visão de sociedade, mas também parte das visões de mundo e modos de vida dos educandos.

Justamente na boa comunicação, estabelecida pelo diálogo, apoiado por Freire (1996) por meio da ética do “pensar certo”, o professor que respeita o seu educando, valorizando os seus saberes, aprende, se empodera e empodera o educando no caminho da autonomia. “É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade” (FREIRE, 1996, p. 67).

Assim, no caso específico do uso do *WhatsApp* como espaço de ensino-aprendizagem, temos importantes aspectos formativos, como a socialização e os temas mobilizadores de interações, podendo ser as notícias falsas ou outro tema. Como bem apontam Neto, Versuti e Vaz (2016) sobre pesquisas realizadas em outros países, como África do Sul, o uso do *WhatsApp* tem “um impacto positivo na participação dos alunos, na promoção da aprendizagem socioconstrutivista por discussões naturais, na promoção da autoestima do estudante, e no compartilhamento do conhecimento” (2016, p. 235). Na visão dos autores, experiências como essa refletem novos caminhos para a educação, facilitados pelo uso de redes como *WhatsApp*, que vão além do conteúdo exclusivamente curricular e conferem protagonismo aos estudantes.

O mesmo já ocorreu com o Facebook quando esta rede foi mais popular, outros estudos aprofundam a fundamentação teórica da educação, assim como da perspectiva da Teoria Ator-Rede, já no prefácio da publicação “*Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar*” (2014) podemos ler e ponderar:

ao publicar, ao compartilhar, vou me tornando parte, vou tomando parte, construindo alianças, produzindo movimentos, como um dos atores humanos que vai se

associando a outros atores humanos e não humanos e, assim, diferentes redes vão sendo tecidas. (SCHLEMMER, 2014, p.11)

O já citado Couto (2014), em seu artigo da mesma publicação, crítica a educação bancária apontada por Freire (1996) “as pedagogias tradicionais continuam centradas no professor, no modelo de ensino hierarquizado, unidirecional, padronizado. E o aluno acaba ficando isolado do processo de aprendizagem” (COUTO, 2014, p. 62). Argumenta sobre o potencial do Facebook para “pedagogia das conexões”, pois é uma pedagogia colaborativa, na qual emergem as subjetividades, focada na interação e na participação complexa, na dinâmica de professores e alunos. Rejeitando as pedagogias tradicionais se inscreve no curso da autonomia de professores e alunos por meio da liberdade: “é um desafio para a pedagogia das conexões ensinar e aprender colaborativamente o exercício da liberdade” (COUTO, 2014, p. 63). Da mesma forma, Porto e Neto apreciam o uso do Facebook, como alternativa pedagógica, vendo no professor a figura de um tutor, que ao “pensar certo” empodera o aluno:

A proposta aqui exposta, em relação ao uso do Facebook em sala de aula, é entender a pergunta “O que você está fazendo agora?” como: De que forma você está pensando aquele assunto agora? O trajeto pelo qual o pensamento viaja diz das possibilidades de conhecer. A partir dele, o professor indica ao aluno a natureza das mediações que serão melhor aproveitadas por ele. Um tipo de abordagem pedagógica para cada aluno e todas, partindo do mesmo professor. (PORTO, NETO, 2014, p.141)

Desse modo, as redes sociais, tanto o *Facebook* quanto o *WhatsApp*, podem funcionar como um espaço de aprendizagem, ou na sua dimensão complementar a sala de aula padrão, pois podem deslocar professores e estudantes, “o ator é, ao mesmo tempo, construtor e receptor das redes” (SCHLEMMER, 2014). Estes atores, associados entre si e a “não-humanos”, podem construir os processos de aprendizagem em uma nova interação, dessa forma podemos analisar as possibilidades interativas da nossa ação no ciberespaço. Por fim, com a aproximação do pensamento freiriano, podemos avançar na direção de perceber a própria noção de comunidade e construção do saber sob o olhar da antropologia da cibercultura e da educação.

3. RESIDENCIA PEDAGÓGICA: A PROPOSTA DA DOCÊNCIA E PESQUISA NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO MÉDIO EMÍLIO MEYER

O Programa Residência Pedagógica da Capes possibilita o diálogo e colaboração entre a UFRGS, o Estado (SEDUC) e os Municípios (SMED), ampliando o alcance das ações já empreendidas e visando a qualificação da formação de educadores e da Educação Básica. Fora a articulação acima mencionada, tem por objetivo ampliar e consolidar a experiência do docente em formação no ambiente da escola, em sala de aula e com auxílio do Preceptor e Orientador. Além de tornar mais densa e completa a imersão nos espaços de ensino, fornece também um espaço de trocas, reflexões e produção de conhecimento.

A EMEM Emílio Meyer está localizada no bairro Medianeira, é reconhecida por possuir uma comunidade escolar diversa, descentralizada e que recebe estudantes de diversos bairros da periferia dos arredores. Assim sendo, um dos principais desafios a docência e pesquisa utilizando ambientes digitais, como *Facebook* e *WhatsApp*, está na dispersão dos educandos, especialmente do noturno, com poucos matriculados por turma.

Pensando metodologicamente, neste sentido é preciso definir que a partir da abertura do campo, conforme também a docência, o cronograma, a organização da turma observada, as descrições da etnografia ocorrem em intervalos entre esses dois espaços: sala de aula regular e Grupo no *WhatsApp*. Assim, se busca ter como referencial metodológico, que a realidade social não é distinta da “virtual”, além de poder respeitar a dinâmica e fluência impostas pelo cotidiano escolar.

Finalmente, quando se trata de uma pesquisa nos meios digitais, é importante utilizar outras técnicas que possam ir além da descrição textual, porém buscando “pela conexão entre muito novas e muito velhas tecnologias de registro” (SÁEZ, 2013). Reconhecendo os limites dos métodos escolhidos e visando complementar a descrição sem “fazer proliferar uma massa de dados intratável e afinal inútil” (SÁEZ, 2013), foi utilizado registros visuais, com muita moderação, para não deixar a textualização como parte periférica: gráfico, *prints* e trabalhos dos educandos escaneados.

Defende-se assim o equilíbrio necessário, buscando escapar tanto do logocentrismo quanto do uso ingenuamente racionalista das tecnologias. Permite-se assim emergirem as subjetividades nessa negociação visual (CAMPOS, 2010). Da mesma forma como no tratamento dos das imagens (como gráficos, *prints* e trabalhos escaneados) também na

textualização do campo se priorizará essa visão. Neste aspecto, vale ressaltar que acima de qualquer pretensão estritamente teórica, este estudo busca priorizar o que se manifesta das subjetividades também na interação entre pesquisador e interlocutores, sem buscar na descrição encaixar ou ajustar essas narrativas as fundamentações teóricas (SCHWADE, 2016). Afinal, somente a partir do estremecer epistemológico, ao incorporar a visão do interlocutor, poderá se obter dados e enfim um estudo científico ético.

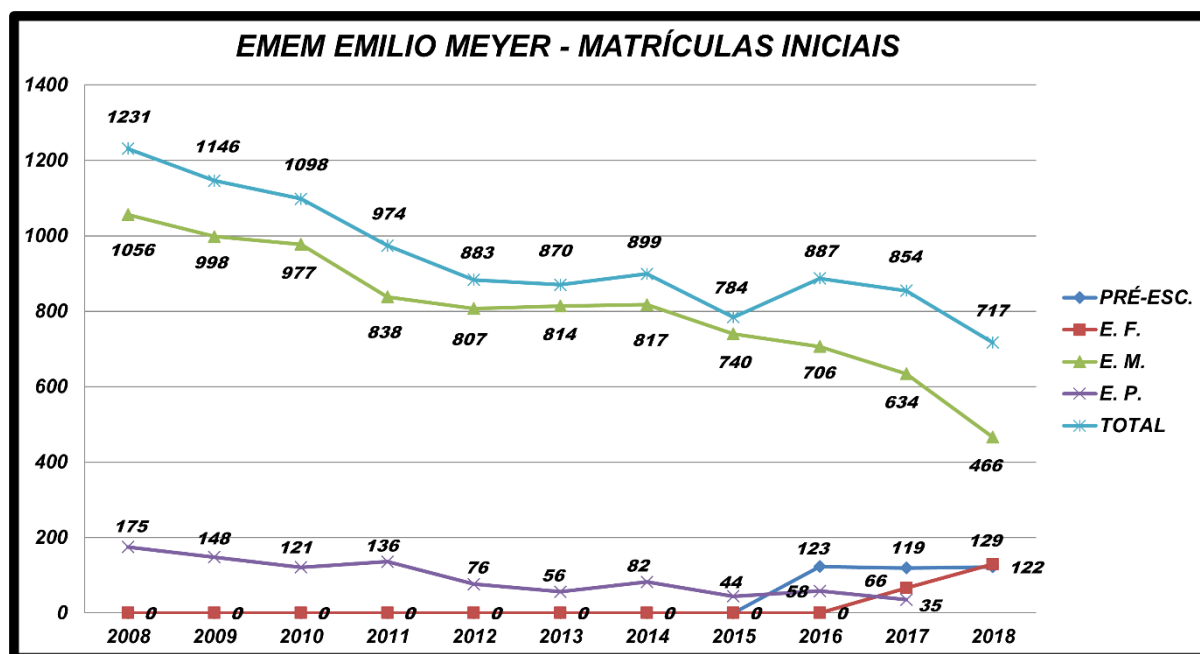
3.1 DIÁRIO DE CAMPO – O CONTEXTO, CENÁRIO E AS IMPLICAÇÕES

Uma certa feita, em alguma aula de pesquisa qualitativa um professor pontuou: o projeto é uma projeção da realidade. Assim como podemos entender que para Weber o fazer sociológico retrata uma fração da realidade. Da mesma forma, no momento seguinte lá estamos nós: pesquisadores curiosos com uma lanterna na mão, às vezes firmes mesmo diante das adversidades, ora vacilantes lidando com o inesperado, no entanto sempre buscando iluminar, focar e traduzir nossas leituras de realidade. Portanto, este trabalho se propôs desde o princípio em refletir a partir do fazer docente in loco, dentro da residência pedagógica em sua edição piloto, no recorte da Escola Municipal de Ensino Médio Emílio Meyer. Nesse sentido, este é tanto um estudo de caso, quanto um relato de experiência, com todas as suas limitações teóricas, metodológicas e práticas inseridas a essa realidade.

Uma realidade de uma escola pública e atípica por ser uma das únicas de ensino médio da rede municipal de Porto Alegre, junto com a EMEB Doutor Liberato Salzano Vieira da Cunha, contando com um formato especial de divisão curricular por semestres (não anual como as estaduais) e com uma divisão de disciplinas privilegiada (possuindo em sua grade filosofia, psicologia e diferentes frentes das artes, como escultura, teatro etc.). Como já citado a escola fica localizada no bairro Medianeira, um bairro estratégico entre Centro, Azenha e os principais da zona sul. Possivelmente por isso se tornou alvo da gestão pública municipal, que durante anos vem debatendo o fechamento da escola, dentro do largo espectro de anos do desmonte da escola pública. O argumento se sustenta tanto pelas brechas que definem o governo do estado como mantenedor das escolas de ensino médio¹, quanto por sua localização e a necessidade da ampliação de escolas infantis da região.

1 BRITO, Jessica. Comunidade promove abraço em defesa do ensino médio e técnico de escola municipal. GZH, Porto Alegre, 22 de maio de 2019. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/05/comunidade-promove-abraco-em-defesa-do-ensino-medio-e-tecnico-de-escola-municipal-cjvzkexh001jl01petkwf3xpe.html>>

GRÁFICO 1 – Declínio de matrículas no ensino médio



Fonte: Residência Pedagógica, 2019

O gráfico acima, desenvolvido a partir da **pesquisa exploratória para o diagnóstico escolar** pelos residentes, com dados fornecidos pela direção da escola, representa o que se tornou uma expressão prática de necropolítica: redução de vagas e matriculados devido a consequente baixa procura pela iminência de seu fechamento. Comparando ao ano de **2008**, o **E.M. (Ensino Médio)** teve **1056 matrículas** e foi caindo vertiginosamente até **2018**, chegando a **466 matriculados**. Resultando em uma escola com um potencial enorme, porém gradativamente esvaziada, mesmo dispondo de estrutura material, humana e sociocultural férteis. Dados que são profundamente sentidos na experiência de lecionar no turno noturno, em uma EJA descolada, no entanto tristemente com cada vez menos educandos. Um cenário que em si é uma realidade de muitas escolas, sejam elas municipais ou estaduais, no entanto este caso era extremamente marcado, chegando a algumas turmas possuírem de dois a cinco educandos efetivos em algum ponto do meio para o final dos semestres. Isso transformou a proposta central desse trabalho em um desafio ainda maior.

Primeiramente, antes de se aprofundar na experiência como residente nesse caso tão específico, também é importante considerar a estrutura do projeto Residência Pedagógica (RP) e seus objetivos. Diferentemente da proposta do estágio obrigatório tradicional, ofertado pela IES (UFRGS) em duas disciplinas (Estágio I e II), uma das características fundamentais da RP (Residência Pedagógica) era sua carga horária. Se

assemelhando tanto a ideia da residência na saúde como ao PBID, o projeto da RP possui uma carga horária robusta de 440 horas, enquanto os **estágios I e II** possuíam uma carga horária bem abaixo do cômputo no qual esse estudo se insere. Atualmente essa diferença foi reduzida e quase que equiparada para 405 horas, entretanto, até a implementação da RP e a **reforma curricular de 2019**, a carga horária era inferior, representando uma diferença significativa para o desenvolvimento da prática docente.

Porém, as particularidades da RP não se limitavam apenas as diferenças de carga horária, mas sim na proposta e divisão desse tempo. Algumas distinções pontuais se destacam: como a inserção mais próxima da IES através da tutoria dos docentes envolvidos da universidade e seu diálogo com a docente perceptora. Culminando numa incorporação do graduando-pesquisador na escola parceira. Além da singularidade das relações de graduando, docentes da IES e docente perceptora, estávamos todos submetidos a um cronograma rígido, devidamente dividido por um planejamento autoral e coletivo. Isso proporcionou um encadeamento de vivências que se desenvolveram por fases dentro desse tempo-espço, proporcionando uma sequência lógica de: apresentação, inserção, observação, exploração e execução do projeto. Assim visando respeitar as demandas coletivas da RP, e obter espaço para os objetivos individuais, foram realizadas reuniões, planejamentos de ações pedagógicas, pesquisas exploratórias, entre observações e planejamentos de aulas, até a ponta da execução da experiência docente.

Iniciando-se em agosto de 2018 e concluindo-se ao final de 2019, o projeto Residência Pedagógica possibilitou uma verdadeira imersão na EMEM Emílio Meyer. Durante esse período iniciamos timidamente com reuniões do projeto, pouco a pouco fomos sendo absorvidos pela comunidade escolar, num processo interno do corpo docente, se expandindo para o discente. E enfim, quase naturalmente, a partir das observações de aula, explorações de pesquisa e ações pedagógicas, foi possível partilhar a experiência de incorporação coletiva e de cada residente em sua individualidade. Essa dinâmica foi fértil, no entanto, não isenta das distorções seculares do espaço escolar, do choque das abordagens mais progressistas e de disputa pela construção de uma coesão educacional. Nesse pensar fazer, essa quase naturalidade foi perpassada por camadas de diferentes efeitos: houve estranhamento inicial por parte de uns atores, identificação por parte de outros e apatia de uns. Mesmo essa apatia ou indiferença nos ofereceram um lugar, um ponto de partida, para refletir e agir com maior assertividade. Um espaço rico de troca foi sendo construído, mesmo diante das pressões políticas que ameaçavam a escola, das singularidades do projeto da RP e da diversidade dos residentes.

3.2 DIÁRIO DE CAMPO – OS DADOS EM CENA: ENTREVISTAS, OBSERVAÇÕES E AFETAÇÕES

Situados então no contexto geral da EMEM Emílio Meyer e Residência Pedagógica avancemos para as primeiras incursões no espaço escolar real, nas observações de aulas da docente perceptora, explorações da pesquisa coletiva e ações pedagógicas. Um dos pontos altos dessas explorações foi a pesquisa exploratória para o diagnóstico escolar, divididos por grupos os residentes trabalharam em coletas distintas, parte em revisão bibliográfica da geografia, história e contexto político atual da instituição. Uma outra parte aplicou um *survey* para traçar um perfil médio dos educandos, cruzando informações básicas, socioeconômicas e até de hábitos. Juntamente foram realizadas entrevistas que abrangeram todos os núcleos da comunidade escolar. Apesar de se tratar de uma exploração preliminar, a partir dela emergiram as informações qualitativas e quantitativas dadas até aqui. Permitindo um aprofundamento no cenário anterior e exterior da escola, clarificando uma visão interior da instituição e sua comunidade escolar.

Fragmentos do campo a partir da exploração, durante as entrevistas aplicadas com os educandos, podem nos ilustrar as afirmações anteriores a cerca da qualidade da estrutura material, humana e sociocultural da EMEM Emílio Meyer. Como podemos identificar nas entrevistas comentadas a seguir:

Entrevistador: Jean Motta | Educanda: Jaqueline

Confirmando os seus dados iniciais, ao que a educanda responde:

Nome: Jaqueline, idade: 18 anos, semestre: 3 ano (6 semestre).

Realizo a segunda pergunta, referente ao tempo em que o a educanda frequenta essa escola, ela responde:

Ela responde que está na escola há 3 anos, todo o ensino médio.

Pergunto como que Jaqueline vê sua relação com a comunidade escolar (especificada pelas categorias participantes):

Ela trabalha bem a resposta, elaborando sua argumentação no sentido de que sua relação se modifica de acordo com os grupos e dinâmicas específicas. Usa como exemplo

diferenças nas regências dos professores, como isso afeta a sua relação com eles, com os colegas e entre os demais colegas de turma. A respeito dos funcionários e equipe diretiva relata que é uma relação distante, mas com momentos de proximidade positivos.

Sobre seu dia a dia na escola a educanda responde:

“Acho um pouco complicado (de relatar) porque eu estudo numa escola atípica, desde como é a mecânica de horas (carga horária), que é diferente de uma escola tradicional. Desde que aqui é uma das únicas escolas de E.M que tem aulas de psicologia e também uma forte presença de humanas, é bem raro no E.M tradicional. Além de ter bastante projetos, de todas as áreas...”

Por meio deste relato cirúrgico podemos entender em parte os impactos nos educandos das especificidades curriculares da escola, demonstrando que as percepções dessas distinções são sentidas tanto no grupo docente como no discente. E não se tratam apenas de ecos de corredor, ou de pauta fixa e figurativa no papel. A expressão também de outros projetos nos aponta importantes abordagens pedagógicas, mesmo em alguns casos em que faltam recursos, ou são escassos e adversidades se tornem parte das realizações. Como podemos interpretar na entrevista com o educando Júlio, 21 anos, do equivalente ao terceiro ano, neste recorte da entrevista em que pergunto **“Sobre seu dia a dia na escola”**:

O educando simplesmente define em uma palavra: “normal. Fico só no meu cantinho, quando eu não estou na sala, fico na robótica”. Tendo essa abertura, pergunto sobre como é a rotina dele na robótica, ele sorri e diz: “é boa”. Peço para ele descrever os projetos da robótica e suas atividades, ele relata:

“Praticamente, desde que eu entrei na robótica, no primeiro ano, não tinha robótica, estava tudo abandonado. O primeiro ano foi pra limpar mesmo e daí poder aprender. No segundo ano pra cá é que começamos a criar projetos, mas daí não tem recursos. Projeto tem, mas recurso não. Daí tu tem que praticamente reciclar tudo.”

Questiono se nesse aprendizado na robótica ele havia conseguido concluir algum projeto, apesar desses contratemplos por ele descritos. Ele narra que havia feito os carrinhos para feira de ciências, que sua participação na feira tinha sido por isso muito legal, pelo menos até as crianças quebrarem um dos carrinhos brincando. O educando ainda

conclui que o projeto da construção dos carrinhos teve como principal desafio a obtenção de peças, a mecânica em si teria sido a parte mais simples do processo.

Esse ponto oculto no currículo, fruto da realidade e dos imprevistos do cotidiano de uma escola pública, poderiam fazer qualquer educador dizer para Certeau (2008) que as pressões e quebras não são meramente parte apenas de uma dinâmica natural. Um laboratório de robótica sem todos os materiais de robótica, onde o educador precisa improvisar a partir de uma quebra de planejamento todos os dias, já não é mais apenas uma eclosão orgânica da espontaneidade da vida social. Pode ser má gestão, da rede municipal, das lideranças escolares ou mesmo dos educadores, podem ser um ou mais desses fatores. Porém o ponto aqui é justamente pensar que mesmo diante desses desafios as técnicas e as tecnologias trabalhadas, estão também respaldadas por essa mesma estrutura, que às vezes parece se mover em direções opostas, pressionando os atores para além do entendimento reduzido ao cotidiano e suas rupturas enquanto meras estratégias. Entretanto, é nesse local que se oportuniza um espaço onde educadores estabelecem uma relação a partir dos educandos e suas realidades.

Paralelamente a isso, o contato direto com a docente perceptora me ofereceu um ponto vista único frente as adversidades e nuances do real. O que significava um poder de confronto entre as incursões exploratórias da RP e as observações das aulas de sociologia da docente perceptora. Enquanto parte dessas atividades/explorações ocorriam juntamente às observações de aula no diurno, as mesmas ocorriam no noturno. Não exatamente as mesmas, já que os contextos eram diferentes, por vezes quase que tão divergentes que realidade parecia uma distorção da outra. Resgato aqui uma descrição anterior as entrevistas com os educandos do diurno, para melhor ilustrar as diferenças de contextos do público de uma EJA em uma escola singular:

1ª Turma – Curso normal (211)

Entro na sala de aula, em média pouco mais de 15 educandas, aparentemente a maioria (ou pelo menos metade) tem menos de 30 anos. A docente perceptora me apresenta, com a esperada formalidade, ainda assim a turma parece curiosa e simpática. Uma das educandas, talvez a mais jovem me diz que seu companheiro também faz ciências sociais na UFRGS. Converso muito brevemente, apenas para retribuir a simpatia e logo tento isolar as interferências me sentando ao fundo.

A partir daí começo a descrever aqui, ao mesmo passo a docente perceptora começa a instalar-se: liga o data show, conecta no notebook, vasculha, deixa arquivos no ponto e remonta as atividades desde a última aula. A turma assiste ao clássico documentário “A invenção da infância”, a docente perceptora instiga a turma com perguntas sobre o tema exposto no filme.

Algumas educandas interagem respondendo prontamente, porém a maioria apenas ouve atentamente. Até que umas das educandas faz uma importante contribuição:

“As crianças que não trabalham, só estudam e fazem cursos, pensam que são adultas. As que são pobres e só trabalham ainda pensam que são crianças.”

Educadora e educandas dialogam sobre, a turma é tranquila, apesar de a grande maioria não participar com a fala. Educadora prossegue numa apresentação de slides, com um aprofundamento da temática. A aula é conduzida basicamente em uma estrutura expositiva-dialogada, muitas vezes mais expositiva, aparentemente devido a uma resistência secular do modelo de ensino que, mesmo quando desafiado e craquelado aos poucos, se mantém firme no silêncio.

Logo me dou conta que estou em uma sala que, de 15 educandas as 19 h, passa a 25 às 19 h e 23 minutos. Concluo que as educandas chegam mais tarde devido ao trabalho e penso na lógica do raciocínio exposto pela educanda a cerca do filme “A invenção da infância”. Um dos desafios do ensino na EJA é que, se “as crianças que não trabalham, só estudam e fazem cursos, pensam que são adultas” e “as crianças que só trabalham ainda pensam que são crianças”, os jovens e adultos que trabalham e estudam pensam que não podem ser estudantes? Ou também aqueles que pela força dos desajustes do sistema de ensino são jovens repetentes e, por terem mais de 18 anos e serem considerados educandos-problema, vão para o noturno, ainda são apenas jovens estudantes compelidos a serem adultos trabalhadores?

Uma reflexão que na experiência parecia uma digressão perdida fez seu sentido muito mais tarde na experiência docente, diante das turmas regulares de ensino médio no período noturno. Nessa mesma ocasião esse raciocínio aparentemente descolado se materializaria sob a forma da destoante realidade que acompanharia na observação da turma sequente da docente perceptora. Porém, naquele momento, o meu ponto de vista, ainda que privilegiado, estava focado apenas nas dinâmicas da aula, sem me perceber de que essa seria a minha mesma realidade. Uma falha humana risível, se não fosse a ambição e esperança das metodologias de ensino, também os resultados disso descritos nesse estudo de caso. O fazer ciência é esse caminho não exato, do que projetamos e o

que temos como resultado. Era precisamente isso que estava diante da observação, estava ali um dado das distorções entre diurno/noturno e curso normal/médio, conforme segue:

2ª Turma – Ensino Médio (56)

Enquanto nos dirigíamos de volta a sala dos professores, saindo da turma 211 do curso normal, a docente perceptora me relata que a próxima turma de ensino médio (turma 56) era pequena e apática, cerca de apenas 6 educandos. Recomendou-me vir conhecer uma turma do mesmo semestre e modalidade da tarde ou outra da noite (ou até em outro dia). Afirmava que ao se aproximar do final do ano letivo a tendência era que cada vez menos educandos estivessem presentes.

Surpreendentemente, devido a uma palestra os educandos não retornam para a sala de aula, a suspeita é de que tenham ficado o restante do período dispersos e tenham emendado com o intervalo (recreio), ou quem sabe simplesmente ido embora. Penso em eu mesmo ir embora, mas meu compromisso ético me impede.

São apenas 3 educandos em uma sala de aula enorme, o planejamento da aula é explorar a visão e as possíveis definições/concepções do trabalho. A docente perceptora projeta através do data show a palavra “trabalho” e provoca os educandos a expor sua visão sobre. Com alguma resistência vão surgindo palavras soltas, a docente perceptora vai as registrando no quadro:

serviço - esforço

cuidados - segurança

remuneração

A docente perceptora debate sobre essas ideias e suas conexões com um conceito técnico/genérico, mas objetivo, lançado num slide enorme. Feito isso, propõe uma atividade de pesquisa em grupo sobre os modelos de trabalho e produção de riqueza diferentes do atual capitalista.

Um novo slide mostrava diferentes modos, desde a antiguidade (Grécia antiga, Egito), passando por modelos socialistas e até o presente. A proposta final é produzir um ppt, vídeo, cartaz ou HQ, a escolha do formato é indiferente. Desde que respondam as questões:

- *Descreva a sociedade escolhida;*
- *Como eram as relações e divisão de trabalho nessa sociedade?*
- *Quais as funções de homens e mulheres nessas sociedades?*

Educanda I: pega sociedade egípcia antiga

Educando II: pega sociedade brasileira escravocrata

Educanda III: sociedade romana

A defasagem de número de educandos, a pouca interação e engajamento eram assustadoras, entretanto, a educadora se mantinha em seu planejamento nas conformidades do currículo. Ao deixar a sala refletia sobre o significado daquela aula, da proposta de trabalho em grupo para apenas três educandos, do sentido e confiança da relação educadora e educandos, que iriam contatar os colegas que cabularam aula para efetivamente desenvolver o trabalho para o próximo encontro. Lembro do turbilhão de questionamentos que não conseguia formular, junto da docente perceptora, enquanto voltava para a sala dos professores após o final do período. No trajeto via os corredores largos, repletos de grafites, os educandos se deslocando de uma sala para outra e pensava: como é possível educar dentro de uma escola onde existem diferentes modos de aprender? Quais as contribuições das TICs, em especial das redes sociais, no ensino aprendizagem, na congruência dos vínculos sociais? Seria possível oportunizar maior horizontalidade entre educadores e educandos? Um grupo no *WhatsApp* ajudaria a melhor gerir o déficit de educandos na aula da Turma 56? Seria mais simples acompanhar os diálogos e negociações entre os educandos para a orientação e concretização da atividade sobre os diferentes modos de trabalho, em diferentes tempos e processos civilizatórios?

Assim, durante todo o período de observações, de coleta de dados qualitativos para as atividades da RP, como nas entrevistas, tais questionamentos se mantiveram e direcionaram a prática docente para a experimentação do uso dos ambientes digitais. Eram as incertezas levantadas em torno dos efeitos do uso de grupos neste contexto específico, fossem no *Facebook* ou no *WhatsApp*, que tomavam parte da necessidade do conhecimento. Da mesma maneira, era parte da realidade trazida pelos interlocutores, nas surpresas dos desafios do campo, como no relato do educando David. Sua fala expunha interessantes ligações nos eixos da arte, cultura, juventudes e mobilizações (no espaço físico escolar/outros espaços, e no *Facebook*/outras redes sociais) e ampliava as reflexões sobre os limites dessas conexões com o fazer docente. Conforme transcrevo:

Confirmando os seus dados iniciais, ao que o aluno responde:

Nome: David, idade: 18 anos, semestre: 2º ano (acha que é o terceiro semestre).

Realizo a segunda pergunta, referente ao tempo em que o educando frequenta essa escola, ele responde:

Desde o meio do ano passado, agosto de 2017.

Pergunto como que David vê sua relação com a comunidade escolar (especificada pelas categorias participantes):

Define como bem legal, gosta do colégio, acha que existe um esforço dos professores para entenderem os alunos e vice-versa. Sente que se relaciona bem com os seus colegas, acha tudo bem tranquilo, considera um colégio muito bom. Com relação aos funcionários é tudo tranquilo também.

Sobre seu dia a dia na escola o educando responde:

Sente que aprende bastante, considera seu dia bem produtivo. Reafirma que os professores se empenham bastante em ensinar, então considera seu tempo na escola bem produtivo.

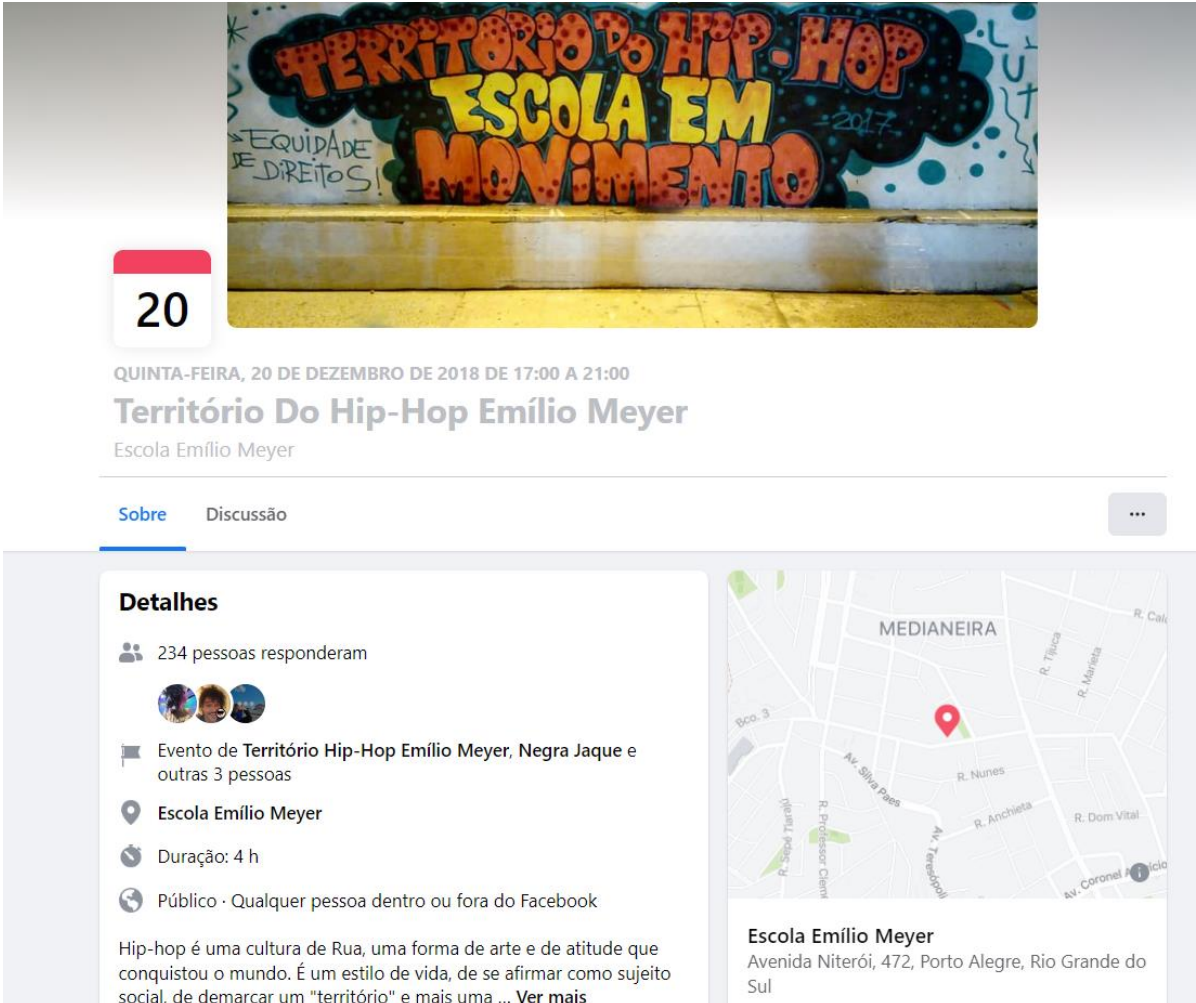
A respeito de como o educando se percebe na escola responde:

Se enxerga bem acolhido, porque o colégio tem vários projetos, e que ele mesmo se inseriu em alguns deles e ajudou a construir. No ano passado teve o **Território do Hip Hop**, é o quarto ano seguido que o projeto ocorre na escola. No ano passado foi sua primeira participação como organizador. Ele sente que a escola abraça muito a cultura, o que o faz sentir bem, em especial em relação a cultura do hip hop e a eventos como o concurso de poesias, que também participou. Pontua que por essas razões sente que o colégio promove a cultura, e que isso o faz sentir bem e abraçado. Se identificando com o espaço, conforme suas palavras:

“O colégio não é uma coisa muito neutra, pode ver que todo o corredor tá pintado, tem uma coisa de desenho, tem um espaço grafitado lá embaixo. Tem bastantes grafites... vai ter agora grafites a mais no dia 20 (dezembro de 2018)”

O dia citado é quando ocorrerá uma nova edição do projeto escolar **Território Hip Hop**, que já acontece a quatro anos, mas que ganha destaque nas duas últimas edições pela expansão pelas redes sociais (Facebook). O educando se mostra surpreso ao perceber o impacto na adesão e envolvimento dos demais no projeto após as divulgações nas redes sociais (com evento). Ano passado a temática foi o **“Slam poesia”**, agora neste ano será o da **“Força da Mulher Negra”**. Por esses fatores o educando sente que a escola promove a cultura, a arte e a reflexão política.

Figura 1: Evento no Facebook: Território do Hip-hop Escola em Movimento



20

QUINTA-FEIRA, 20 DE DEZEMBRO DE 2018 DE 17:00 A 21:00

Território Do Hip-Hop Emílio Meyer

Escola Emílio Meyer

Sobre Discussão

Detalhes

- 234 pessoas responderam
- Evento de Território Hip-Hop Emílio Meyer, Negra Jaque e outras 3 pessoas
- Escola Emílio Meyer
- Duração: 4 h
- Público · Qualquer pessoa dentro ou fora do Facebook

Hip-hop é uma cultura de Rua, uma forma de arte e de atitude que conquistou o mundo. É um estilo de vida, de se afirmar como sujeito social, de demarcar um "território" e mais uma ... [Ver mais](#)

Escola Emílio Meyer
Avenida Niterói, 472, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Fonte: < <https://www.facebook.com/events/517106705455828/?ref=newsfeed> >

Considerando o total de matriculados em 2018, sendo 466 apenas no ensino médio (ou EM conforme demonstra o Gráfico I, p. 17), o engajamento de 234 pessoas (imagem acima), endossado pelo relato do educando e as expressões materiais desse evento pelas ações (dança, grafite, música e poesia) revelam uma escola democrática e viva. Não

somente na escola ou nas redes sociais, igualmente na comunidade local, deixando legado vivo até hoje na materialidade do bairro e no imaginário das pessoas.

Neste ponto podemos pensar no quanto se infere através da educação freiriana pelo diálogo, no campo como nos ensina Geertz a partir da escuta e da observação-participante, ambos apoiam o estudo na direção da compreensão latouriana dos efeitos produzidos, dos contextos no modo em como os atores interagem nos múltiplos ambientes. Relações e efeitos que dimensionam e unificam a realidade, através de redes que independem das acessadas ou visualizadas pelo pesquisador. Quer dizer, o campo oferece uma experiência e vivência limitada, sejam pelas limitações do contexto, do pesquisador ou conexões com os interlocutores, entretanto, a realidade e seus possíveis recortes ainda estarão lá.

O educador pode não ser bem-sucedido em uma incursão face a face em uma ou mais redes sociais com os educandos (Facebook, WhatsApp, ou qualquer que seja), mas certamente os atores terão suas próprias redes, produzindo os efeitos nelas. Seja no ciberespaço, nos seus grupos das redes sociais da atualidade ou mesmo na realidade escolar. Destaca-se assim a liberdade e a autonomia dos educandos no processo de ensino-aprendizagem, no uso das tecnologias, sejam as redes sociais ou novos espaços, o educador deve analisar o potencial disso nos efeitos para o processo educativo.

3.3 DIÁRIO DE CAMPO – OS GRUPOS DE *WHATSAPP* ERAM EXTENSÕES DAS SALAS DE AULA

*Estou ficando cego de tanto enxergar
Estou ficando surdo de tanto escutar
(1986, Titãs, Aa uu)*

Após as atividades introdutórias que a RP demandou, cumprindo o cronograma de reuniões, diagnóstico escolar, observações em sala de aula, oficinas e planejamento, era chegado o momento da prática da docência em sociologia. Um dos pontos fundamentais desse processo consistia na escolha das turmas, uma tarefa aparentemente comum, porém, dependia de uma série de fatores esperados e não esperados. Tendo como referência a imersão na escola, as impressões percebidas no desenvolvimento do projeto e na avaliação da docente perceptora, num cenário ideal, as turmas do turno diurno corresponderiam mais ao formato e abordagem esperados pelo estudo. A princípio essa visão indicava um posicionamento distorcido, contraditório e poderia muito bem tomar um tom antiético.

No entanto, sabemos que não se faz ciência neutra, seja na pesquisa científica ou na prática docente, nos posicionamos pelas nossas escolhas de recortes e, em seguida, aos sentidos que conferimos as análises resultantes. Além do que, na educação, pesquisa e prática são fatores conjuntos, não devendo um hierarquizar ou anular o outro. Deste modo, a questão a ser considerada se limita as razões no entorno desse argumento. Afinal, ainda que se captasse uma maior receptividade e engajamento por parte educandos do diurno, era importante entender, para além da intencionalidade, os fatores que davam corpo a esse pré-julgamento.

Realizando uma revisão superficial poderíamos enquadrar esse argumento como raso e reducionista. Afinal, isolando apenas o ponto de vista da docente perceptora, desconsiderando o entorno do argumento, poderia ser entendido como uma mera suposição. Embora a experiência da docente perceptora em si, considerando o empirismo e os anos de trabalho na educação, pudessem e, no limite, validassem o argumento. Esquemáticamente o argumento poderia ser aceito até quando confrontado com os dados qualitativos e quantitativos obtidos durante a RP. Entretanto, os fatores pensados pela docente perceptora avaliavam outros aspectos para chegar a essa conclusão.

Apesar do argumento para a escolha das turmas do diurno incluir a maior recepção e engajamento dos educandos, estes não eram os pontos centrais para a conclusão. Na verdade, diferentes condições pressionavam para essa direção, dentre eles o principal era o rígido cronograma da RP, frente ao calendário da unidade escolar versus calendário

acadêmico. Para fechar a quantidade de horas de regência na RP eram necessárias aproximadamente 100 horas em sala, que tinha como prazo final para efetivação até dezembro de 2019. Entretanto, o calendário escolar previa um recesso entre fins de julho e início de agosto, batendo com o calendário acadêmico da universidade e o período de matrículas.

Dentro disso, era necessário cumprir com os prazos de carga horária das observações de aula, que se findariam por idos de abril, sendo possível iniciar uma regência em maio de 2019. Por fim, dentro desses diferentes cronogramas, existiam as mudanças pós recesso dos horários e períodos de sociologia, representando mais um ponto dentro das problemáticas de distintos cronogramas e prazos. Ficava evidente que, o contato com os educandos do diurno não era um ponto chave, se inscrevia como um elemento enriquecedor. A realidade se fragmentava em muitas frações de tempos, prazos e direcionava para escolhas baseadas nas disposições de cada residente.

Assim, devido a essas disposições, com o aporte da docente perceptora foram escolhidas as turmas 36 e 56 do noturno, que equivaliam respectivamente a um segundo e terceiro ano do ensino médio. A escolha das turmas do noturno se deu pela contingência dos cronogramas, além do suposto desafio de lecionar para uma EJA, em uma escola de passagem, num contexto de crise municipal e evasão escolar. Neste primeiro momento o projeto da RP previa o acompanhamento da docência pela docente perceptora, o objetivo era dar respaldo ao residente diante da turma e constante feedback da ação docente.

A experiência envolvia todos os recursos cabíveis e equivalentes a um educador regular, embora passasse pelo crivo da docente perceptora para sua efetivação, através de agendamento e reserva, não havia outras barreiras formais. Logo era possível agendar e reservar o uso de salas específicas como: auditório, biblioteca e informática. Seguindo o mesmo modelo de agendamentos e reservas, estavam a disposição notebook e projetor para uso do educador em aula. Permeando esse sistema existia a rede de wifi pública da escola, possibilitando a conexão dos dispositivos de educadores e educandos.

3.4 A VIVÊNCIA COM AS TURMAS 36 E 56

Após reunião e revisão do planejamento pedagógico com a docente perceptora, a docência supervisionada iniciou-se em maio de 2019. Desde o princípio o uso das TICs esteve presente como parte dos recursos do processo de ensino aprendizagem, não como foco principal da prática, o núcleo duro sempre respeitou a demanda curricular esperada

para a sociologia no ensino médio. No entanto, após a imersão na escola, observações e explorações, existia uma expectativa e ambições da pesquisa do uso das TICs. Baseado no cenário escolar avaliado, mesmo entendendo as diferenças do público diurno e noturno, da contingência dos cronogramas e prazos, a ambição era obter resultados consistentes. Independente dos desafios que o contexto representava, a escolha foram os grupos de turma no *WhatsApp*.

A composição das turmas 36 e 56 refletia as potências e fragilidades iniciais percebidas no contexto da unidade escolar, significando que os educandos eram em sua maioria jovens trabalhadores, jovens com uma trajetória educacional irregular ou ambos. Fatores potentes por refletirem um público típico da EJA, onde a inclusão da diversidade das juventudes e dos adultos se encontram, e o processo educativo pode ser enriquecido a partir da experiência dos educandos. As fragilidades dependiam mais do cenário político da escola, resumido na instabilidade de um possível fechamento e na crescente evasão escolar.

O início da prática docente se deu pela turma 36, partindo de vinte educandos, um grupo grande para os padrões do noturno. Tendo em conta uma análise prévia do perfil dos educandos, colhida em parte do *survey* da RP e das observações da docente perceptora, a turma 36 era basicamente composta de jovens trabalhadores. Introduzido ao grupo pela docente perceptora, feita as apresentações, debatemos o planejamento realizado, os questionei sobre suas expectativas em relação a disciplina e as suas experiências com aulas de sociologia. Parte dos educandos foi receptiva, tecendo comentários sobre o planejamento e suas expectativas, alguns outros relataram que jamais haviam tido a disciplina regularmente.

Passado isso, devidamente instalado, notebook ligado e conectado ao projetor, iniciava ali a jornada com a turma 36, como primeira aula o tema escolhido foi **“Fundação da ciência moderna, sociologia e a escola do positivismo”**. Onde o objetivo era resgatar as bases da fundação da ciência dita moderna e traçar um paralelo com a criação da ideia de indivíduo e sociedade. Utilizando um ppt, através de uma aula expositiva e dialogada, a aula transcorreu com boa parte dos alunos calados, porém aqueles que intervinham traziam contribuições interessantes, fosse a partir da dúvida, engano ou mesmo compreensão dos conceitos trazidos.

A dinâmica das aulas era organizada, em um tom geral, divididas em abordagens e recursos de mídias diferentes, funcionando da seguinte forma: *apresentação de ppt, utilizando as tecnologias disponíveis, com pausas para a troca, intercaladas com vídeos,*

pesquisas no laboratório de informática, ou nos próprios celulares dos educandos, uma atividade fixadora para ser entregue e resgatada na próxima aula.

Da mesma forma tudo aconteceu com a turma 56, salvo as diferenças de número de educandos, entre dez e quinze em um terceiro ano, essa turma representava diretamente a evasão escolar. Igualmente receptivos, se encaixavam no quadro de jovens trabalhadores. Entretanto, como salientava a docente perceptora, era uma turma de formandos assim, pelo menos parte deles tinham interesse de concorrer ao ENEM e vestibulares. Pensando nessa demanda, a primeira aula teve como tema **“Os clássicos e a relação com o conceito de trabalho na sociedade. O trabalho na atualidade e a precarização”**. O objetivo foi introduzir o pensamento sociológico dos fundadores a partir do conceito do trabalho, conectando com o significado do trabalho sob cada autor e os possíveis pontos comuns com a realidade atual. Os educandos da turma 56 se portaram de modo similar a turma 36, uns interagiram e outros não, porém devido ao número de alunos reduzido, eram apenas um ou dois que participavam com a fala.

Ao final de cada uma das primeiras aulas apresentei a proposta dos grupos de *WhatsApp* para ambas as turmas, como uma forma de interação social, troca de ideias, conteúdos complementares e até mesmo atividades avaliativas. De pronto as reações foram bem apáticas, alguns ironizaram o fato de ter mais um grupo de mais uma coisa na vida, outros enfatizaram as possíveis atividades e como seriam as entregas. Buscando a adesão dos educandos, argumentei usando o exemplo de lançar uma questão para que eles pudessem responder no grupo. Dando o aporte de que alguns poderiam responder por escrito, áudio ou vídeo, ou apenas comentar e debater as respostas dos colegas. Dentro disso, alguns manifestaram que passavam a maior parte do dia no trabalho, que a sala de aula era o melhor espaço para realizar as atividades, outros justificaram que não possuíam pacote de dados ou *wifi* em casa.

Apesar da resistência dos educandos, pensando nos interesses da pesquisa, os grupos foram criados, assim que as aulas terminaram postei o conteúdo para os educandos ausentes e para aqueles que desejassem acessá-los futuramente. Postei também a mesma atividade projetada em sala de aula no ppt, porém a grande maioria comunicou que preferia entregar no papel. De fato, na semana seguinte, acompanhei os grupos, tomei iniciativa nas interações postando conteúdos, trazendo questões para dialogarmos e movimentar as turmas. No entanto, obtive apenas apresentações de educandos ausentes e quase nenhuma interação social.

Diante dessas distorções da realidade busquei negociar, propondo interações dentro e fora dos grupos de *WhatsApp*. Com a turma 36 apliquei a dinâmica das redes: pontuando categorias gerais no quadro (como nome, idade, gênero, sexualidade, seu maior sonho e aleatoriedades), formamos um círculo, o detentor do rolo escolhia uma categoria, se colocava e jogava o rolo para outro colega. O objetivo era que, pouco a pouco, os educandos fossem percebendo uma teia se formando, como uma rede, reconhecendo ligações entre todos, independente das suas diferenças. Ao final dialogamos sobre o conceito de indivíduo e sociedade, concluímos a inexistência de oposição entre eles. Pois são as diferenças que mantem a riqueza da dinâmica social, e o respeito as liberdades que possibilita sua coesão. A dinâmica das redes foi uma forma de abrir canais de comunicação, permitindo que cada um pudesse se expressar e reconhecer dentro de um grupo.

Devido ao pequeno número de alunos da turma 56 a execução da dinâmica das redes era inviável. Para contornar essa limitação a sala de informática foi reservada, a proposta para os educandos consistia numa pesquisa envolvendo notícias sobre a precarização do trabalho e uma seleção de imagens representativas. Como forma de interação, para motivar o debate, as imagens e conteúdos selecionados pelos educandos seriam utilizadas na próxima aula.

Em princípio, tais estratégias pedagógicas pareciam bem-sucedidas, porém foram exitosas em si mesmas, o que significa que enriqueciam apenas momentaneamente as relações em sala de aula. Isso valia também para os grupos de *WhatsApp*, que replicavam a realidade. Após as primeiras aulas do mês de maio era possível antever, o que se confirmou com o transcorrer dos meses: um fracasso parcial no uso dos grupos de *WhatsApp* com as turmas 36 e 56. Ainda que muitas aulas fossem mais interativas que as outras, em geral uma esterilidade foi tomando conta da relação educador-educandos.

Neste ponto, é importante ressaltar as adversidades e barreiras postas historicamente pela educação formal. Se de um lado há a intenção de inovar, buscar novos recursos, como os grupos de *WhatsApp*, para reduzir essas distorções e horizontalizar as relações educador-educandos, de outro existem também obstáculos do processo da educação formal. Como as pressões dos diferentes cronogramas da RP, universidade e unidade escolar, as demandas do currículo, da pesquisa e a estrutura secular de uma sala de aula.

Os sujeitos da EJA são historicamente caracterizados pela sua diversidade de trajetórias de vida, porém, como bem aponta Arroyo (2007), possuem uma identidade coletiva com um recorte de raça, etnia, classe e gênero, que factualmente tiveram seus

direitos negados. Dentro deste cenário, é fundamental defender a permanência da EJA como uma política na defesa histórica dos direitos dos populares, lutando para não recair nas armadilhas da burocratização e individualização destes sujeitos.

São essas amarras da política e da sistematização da educação que enfraquecem a efetividade da luta contra o analfabetismo, basilar para a manutenção das desigualdades sociais históricas no país. Ainda seguindo o fio de Arroyo (2007), é a própria diversidade dos sujeitos que reside a maior virtude da EJA, onde através do diálogo se acolhem bem novas propostas teóricas, didáticas e metodológicas. Apartadas da rigidez sistêmica e da perspectiva escolarizada da educação, conforme o autor:

Nesta dicotomia entre educação formal escolar como positiva e educação não-formal, a EJA tem sido avaliada como o atraso e a improvisação. Consequentemente será defendida a institucionalização da educação de jovens e adultos nos moldes e modalidades organizativas do ensino fundamental e médio, com sua rigidez, grades e disciplinas, cargas horárias, frequências, hierarquias e avaliações. Vivemos um momento em que a configuração da EJA é vista como deixar de ser educação não-formal para entrar na formalidade escolar. Somente assim os direitos dos jovens e adultos à educação seriam levados a sério. (ARROYO, 2007, p. 32)

Infelizmente a realidade após mais de uma década desta publicação é extremamente negativa, apesar da EJA ter se adequado aos planos escolares em muitos aspectos, vem sendo extinta de diversos municípios da região metropolitana de Porto Alegre, seguindo o modelo reformista da crise e com os mesmos argumentos fabricados e vazios. Nas instituições escolares que ainda se mantém, a precarização vem tomando proporções extremas, que corroem o sistema escolar de dentro para fora. Como um dado qualitativo disto temos a própria unidade escolar onde este trabalho de campo foi realizado, e sem dúvidas esses fatores alteram a rotina e dificultam a efetivação de uma educação mais ampla.

Não foram poucos os educandos que, após minhas estratégias pedagógicas em sala de aula, minhas tentativas de interação nos grupos do *WhatsApp*, me relataram que não participavam por não se sentirem seguros. Fosse por pura timidez, pela insegurança da exposição entre os colegas, fosse pela pouca prática escrita ou, enfim, pela suposta hierarquia histórica da relação educador-educando.

Por esta razão abandonei o uso dos *prints* dos grupos de *WhatsApp* neste estudo, reconhecendo que os grupos não possibilitaram a emergência das subjetividades, das trocas de ideias casuais, de saberes e, finalmente, não causaram o efeito de maior horizontalidade. Mesmo sem ter essa intenção, os grupos de *WhatsApp* se tornaram uma nova condição domesticadora da sala de aula. Era como se **os grupos de WhatsApp**

fossem uma extensão da sala de aula, não apenas da nossa, mas de anos de condicionamento e negligências, reforçadas por uma escolarização castradora e excludente.

Fato este que causou grande incomodo, evidenciando uma dicotomia difícil de descrever: *como uma inovação traz mais um elemento de conformidade?* Por quais razões, até mesmo as dinâmicas de grupo no ambiente da sala de aula, com a turma 36, ou pesquisas no laboratório de informática, com a turma 56, não deslocavam e ampliavam o uso das TICs? Nada parecia amenizar o sufocamento do ambiente escolar, fosse deslocando para o uso indireto e conceitual das TICs, com a dinâmica das redes, ou incluindo os educandos na construção das aulas através da pesquisa aprofundando o tema.

A escuta é fundamental para qualquer sujeito que se coloque na posição de educador, não é por acaso que o pensamento freiriano pontua que aprendemos ensinando e ensinamos aprendendo. Dentro desse mesmo mote, Perrenoud (1999) pode nos ajudar com seus conceitos de prática reflexiva e participação crítica. De fato, “um sentimento de fracasso, de impotência, de desconforto, de sofrimento desencadeia uma reflexão espontânea para todo ser humano e também para o profissional” (PERRENOUD, 1999, p. 10) o que é muito doloroso para um residente pedagógico. No entanto, é preciso reconhecer que:

Num “ofício impossível”, os objetivos raramente são atingidos. É pouco frequente que todos os alunos de uma classe ou de um estabelecimento dominem perfeitamente os saberes e as competências visados. (PERRENOUD, 1999, p. 10)

Partindo disso, foram três ironias. A primeira ironia foi a mais brutal: *reconhecer na experiência a necessidade de parte dos educandos de uma abordagem mais tradicional, com um pouco mais de uso de escrita no quadro, de exercícios de escrita, de leitura e trabalho em grupo*. Assim sendo, a forma de agir segundo a prática reflexiva, e mais horizontalmente possível conforme o pensamento freiriano, era focada nas necessidades dos educandos e baseada na demanda curricular. Partindo dos sujeitos, aproximando-os dos conteúdos e trabalhando suas habilidades. Ora, se eram tímidos, vamos fazer dinâmicas e trabalhos em grupo, que sejam em duplas então. Se não se sentiam bem desenvolvidos na sua escrita, vamos então fazer trabalhos escritos, respondendo questões de aula, avaliações etc.

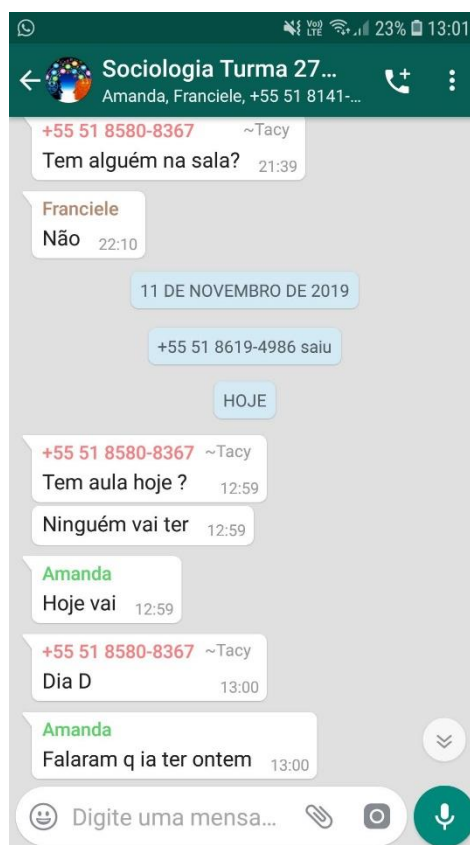
A segunda ironia foi perceber que era preciso aceitar que os educandos já eram individualizados naquele sistema tradicional que, apesar da cobrança curricular, o currículo era amplo e era possível atender a principal demanda: a dos educandos. Afinal, se a turma

36 era uma turma de segundo ano, com uma boa parte do grupo sem muita vivência de aulas de sociologia, então era urgente trabalhar os conceitos mais básicos de indivíduo e sociedade. Seguindo essa mesma lógica, se a turma 56 era de jovens que desejavam seguir seus estudos, então trabalhamos com questões do ENEM, da UFRGS e estudamos o sistema de cotas.

Enfim, a terceira ironia se dava pelos resultados positivos obtidos de forma não esperada, em sala de aula e nos grupos de *WhatsApp*. Em sala de aula, apesar da carência de participação verbal, os educandos participavam das aulas fazendo anotações ou copiando do quadro. Realizavam as atividades propostas, fossem por escrito ou em grupo. Solicitava que trocassem os grupos de trabalho, para que se conhecessem e incluíssem todos os colegas, prontamente os educandos concordavam e cooperavam entre si.

Já os grupos de *WhatsApp* se tornaram um repositório do material didático de aula, e era realmente utilizado, pois alguns educandos cobravam caso os arquivos não fossem postados. Eventualmente também eram postados conteúdos complementares, mensagens sinalizando o final de um prazo de alguma atividade, chamando a atenção para a data de algum evento na escola etc. Entretanto, o ponto alto, e único digno de um *print* para ilustrar os sentidos percebidos neste estudo acerca do uso do *WhatsApp*, é um momento em que os educandos parecem se esquecer de que estavam em “**grupo de *WhatsApp* que era uma extensão da sala de aula**” e passam a debater sobre um boato de que não haveria aula naquela noite. Este caso ocorreu alguns meses mais tarde após o período de regência das Turmas 36 e 56, adentrando já na experiência com as Turmas 26 e 27.

Figura 2: Os boatos em aula transformam os grupos de *WhatsApp* em uma extensão da sala de aula.



Fonte: elaborado pelo autor, 2022

Embora os grupos de *WhatsApp* tenham sido um fracasso parcial para os objetivos iniciais deste estudo, foram um sucesso para o contexto dessa unidade escolar. Um *print* apenas é o suficiente para demonstrar o ponto revelador de confiança e de naturalidade dos processos de socialização. Além de fazer perceber os educandos agindo com autonomia e liberdade, debatendo um boato escolar, é um indicador de sucesso para além da experiência educativa formal e limitada ao currículo. Apesar do espaço digital para além da sala de aula não ter exatamente propiciado uma horizontalidade entre educador-educandos, ou facilitado diretamente o processo de ensino-aprendizagem, criou um espaço diferente e autoral. Provocando reflexões e ações em busca de um equilíbrio entre o uso das TICs e dos métodos mais tradicionais.

Referente a experiência com as Turmas 26 e 27 optei por retirá-las do recorte aqui exposto neste estudo, pois do ponto de vista científico seria uma descrição repetitiva e desnecessária. Ainda assim, saliento que com estas turmas a regência foi sem a observação da docente perceptora, e foi a experiência inicial com as turmas 36 e 56 que me deram o modelo para seguir as mesmas metodologias e abordagens com as turmas 26 e 27. Acredito também que, apesar deste ser um estudo de caso e um relato de experiência,

do ponto de vista ético, correria o risco de ter a análise invalidada pela falta de contrapontos. Ou seja, era apenas o residente em sala de aula, qualquer coisa que descreva, apenas a partir da minha observação, não pode ser refutado e nem comprovado. Diferentemente da experiência com as Turmas 36 e 56 que podem ser validadas ou não pela docente perceptora, presente em todas as aulas de ambas as turmas.

3.5 UMA BREVE ANÁLISE DOS TRABALHOS DAS TURMAS 36 E 56

Como resultados desses movimentos podemos analisar brevemente os trabalhos dos educandos das Turmas 36 e 56, que constam nos anexos. Ao longo deste estudo as razões pelas escolhas curriculares versus necessidades dos educandos já foram tratadas. Para fins de consulta, análise e avaliação, nos anexos também consta o planejamento geral e os conteúdos abordados cronologicamente.

Fundamentalmente as ciências sociais compreendem saberes amplos, porém fortemente teóricos e epistemológicos. Um dos principais desafios à sociologia no ensino médio é encontrar uma forma de modulação do conhecimento de núcleo (ou hard). Refinar o conhecimento para o entendimento claro, objetivo e sem grandes perdas das camadas de reflexões.

Com a Turma 36 podemos avaliar nos trabalhos importantes saltos, nos níveis acadêmicos e humanos. Analisando pelas afetividades, a educanda Évellin expõe sua subjetividade, sua visão do que é ser um indivíduo, como vê a sociedade e os valores sociais de modo autêntico. Por seu tom crítico, autoral e realista, trabalhos como estes levantaram debates profundos e construtivos com a docente perceptora.

Em uma crítica positiva ao utilizar o vídeo (animação): “Homem - Man – de Steve Cutts” <https://www.youtube.com/watch?v=5XqfNmML_V4>, a docente perceptora salientou que minha abordagem era muitas vezes de “uma sociologia quase pessimista”, pois de fato o vídeo mostrava o modo autodestrutivo do ser humano ao ser destrutivo com seu próprio meio. Em minha defesa justifiquei que a ideia era fazer refletir sobre o consumo e a cultura de produção com ausência de reflexão e crítica. O que tinha embasamento ao ter realizado uma dinâmica de redes, servia para localizar pontos negativos e polêmicos da construção da sociedade atual. Penso que isso serviu como base para a expressão de trabalhos como o da educanda Évellin, que pode compartilhar suas ideias e trabalhar sua habilidade escrita.

No outro trabalho da Turma 36, dos educandos Natalia e Juliano, podemos entender a importância do trabalho em grupo, igualmente do desenvolvimento da escrita e da reflexão. Em um cruzamento sobre as ideias de sociedade pela perspectiva do positivismo, escrevem: *“particularmente não concordamos com o positivismo porque ele consiste em ‘cada um no seu quadrado fazendo o seu dever sem interferir no dos outros, ou causar balbúrdia’*. Referiam-se aos constantes protestos de 2019 em Porto Alegre contra as políticas de retrocesso dos governos federais, estaduais e municipais, em especial aos ataques a educação. Penso que nesse aspecto fomos felizes no olhar sociológico, desde suas entranhas epistemológicas, até fazer sentido a realidade desses educandos no presente.

Em relação a Turma 56 é interessante destacar algumas questões tratadas na temática do trabalho, pincelando o conceito de exploração da mulher e sua interface com a reprodução da mão de obra expondo as origens do capitalismo. Debate tratado por Silvia Federici em “O Calibã e a bruxa” (2004), obra inserida no mais alto patamar dos debates de feminismo, gênero e trabalho. Passando introdutoriamente pelo conceito de trabalho para os clássicos fundadores da sociologia, por fim utilizando o Vídeo: “A emocionante história de um trabalhador que 'vive da praia' com 50 kg nas costas sob sol de 40º” <https://www.youtube.com/watch?v=hFp8B0N7_-0&t=10s> para tratar do tema da reforma trabalhista e da precarização do trabalho.

Desta aula um dos trabalhos mais interessantes coletados foi o da educanda Lisete, em relação ao tema escreve: *“o homem trabalha das 7 às 19, a mulher trabalha das 8 às 16. Quantas horas têm para descansar? Não muito, pq tem que cuidar dos filhos, limpar casa, deixar as coisas organizadas para o outro dia, nem tem tempo para descansar”*. Aqui temos precisamente o salto do conhecimento de núcleo para a realidade dos educandos contribuindo para desenvolverem um olhar sociológico. Para muitos pode parecer que Lisete já tinha esse conhecimento, pois era uma conclusão óbvia, provavelmente de fato ela já tivesse, afinal era uma jovem mulher trabalhadora. Entretanto, a diferença aqui é que a educanda Lisete se munuiu cientificamente, fez suas anotações, questionou, pensou por si mesma e escreveu suas próprias ideias. Tudo em uma sala de aula, segura e respeitada pelos demais colegas.

Ainda dentro das experiências com a Turma 56 vale destacar o retorno de uma “sociologia positiva”, positiva aqui no sentido de mobilizar as potencialidades e os aspectos criativos dos educandos. Como trabalho final de semestre solicitei a eles que formassem grupos e desenvolvessem ideias de empresas inovadoras, que pudessem transformar a

realidade social, trazendo melhorias e inovações. Surgiram diversas grandes ideias, com registro de relatórios por escrito, dentre as ideias surgiram desde santuários, até pet shop onde humanos e não-humanos poderiam compartilhar suas refeições em assentos comuns. Uma outra ideia de empreendimento fora um mercado orgânico com um verdadeiro clube de vantagens para os clientes que fossem mais ecologicamente adequados.

Concluindo esta breve análise, podemos destacar o esforço para fazer as traduções epistemológicas cerne das ciências sociais, na introdução dos clássicos e até mesmo indiretamente autoras mais contemporâneas. Trabalhando conceitos base do pensamento comum, e também as competências necessárias para o enriquecimento das habilidades dos educandos.

4. CONCLUSÃO

Deste ponto, a principal crítica a ser feita, pode ir no sentido de que outros resultados positivos foram obtidos, a partir da parcial conformação com o tradicional. *Onde está a inovação em usar as TICs em sala de aula, em especial o uso do WhatsApp desta forma tão simples e, simultaneamente, buscando alcançar tantas ambições? Qual a validade desta pesquisa, já que não alcançou seus objetivos centrais? O que é essa pesquisa, é ao mesmo tempo um estudo de (um único) caso e relato de experiência?*

Ao me permitir “*ser afetado*” pelo campo, como Jeanne Favret-Saada se permitiu, para ir além dos limites teóricos do fazer antropológico e educativo. Inspirado por ela busquei me comunicar pelos afetos, estar onde e no mesmo lugar que os educandos. Para isso precisei renunciar ao que este projeto de pesquisa projetava. Abandonei a luz iluminista do conhecimento, quebrei as concordâncias verbais, a voz da terceira pessoa pesquisadora e fui craquelando até ser apenas a minha voz. “Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assumo o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 160)

Me senti completamente afetado e cumprindo com meu dever como educador quando em indeterminada aula, a Turma 36 me solicitou um dos períodos para a organização de faixas, cartazes e outros temas. Eles disseram: “*Professor, sabemos que é chato, temos poucos períodos de sociologia, mas é que sabemos que essa é uma das únicas aulas que podemos pedir uma coisa dessas*”.

A Turma 36 iria participar dos protestos contra os desmontes da educação pública, ali me sentei e mais uma vez aprendi com eles. Me convidaram para participar, era como se fosse meu primeiro dia de luta e defesa da cidadania. Agi como um deles, porém ouvindo atentamente cada jovem inconformado, com grande admiração e respeito. Neste momento tive certeza de que não havia me enganado ao deslocar meu projeto e me deixar afetar pelo campo, assim como Favret-Saada nos ensina:

Ora, entre pessoas igualmente afetadas por estarem ocupando tais lugares, acontecem coisas às quais jamais é dado a um etnógrafo assistir, fala-se de coisas que os etnógrafos não falam, ou então as pessoas se calam, mas trata-se também de comunicação. Experimentando as intensidades ligadas a tal lugar, descobre-se, aliás, que cada um apresenta uma espécie particular de objetividade: ali só pode acontecer uma certa ordem de eventos, não se pode ser afetado senão de um certo modo. (FAVRET-SAADA, 2005, p. 160)

Assim sendo, concluo que a minha experiência na Residência Pedagógica na Escola Municipal de Ensino Médio Emílio Meyer, enquanto pretendo cientista social e educador,

foi uma das aventuras mais desafiadoras, intensas e surpreendentes de minha jornada até aqui. É importante reafirmar que o uso das TICs obviamente não se limita apenas as redes sociais, há uma infinidade de ambientes digitais (como o *Moodle* ou Sala de Aula Virtual utilizados na UFRGS). Além disso, as redes e suas conexões existem entre as pessoas, espaços e diferentes objetos (como o uso do *datashow*, *notebook*, etc.). Da mesma forma, é urgente reconhecer os limites das pedagogias consideradas mais progressistas, sendo preciso ter um olhar crítico e reflexivo sobre a realidade. Explorando e estabelecendo com os educandos, de acordo com seus contextos, o difícil equilíbrio entre abordagens ditas mais tradicionais e aquelas mais atualizadas. Inevitavelmente, deixo em aberto o debate sobre o uso das Tecnologias de Informação (TICs), mais especificamente os ambientes digitais das redes sociais (*Facebook/WhatsApp*), enquanto possíveis intermediadoras da relação educador-educando. Este debate sempre esteve e creio que sempre estará em cena, independentemente de quais redes sociais, dispositivos ou sentidos que damos a eles, as pessoas estarão lá e é papel da ciência, das ciências sociais e da educação ocuparem esta seara.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel. **Aprendendo com a história da Educação de Jovens e Adultos** In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia. GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Estudos em EJA. BH: Autêntica, 2007.

Banco de Imagens e Efeitos Visuais – BIEV. **Livro do Etnógrafo**, 2018. Disponível em: <<https://medium.com/livrodoetnografo>> Acesso em: 11 jul. 2018.

CAMPOS, Ricardo, 2011, **Imagem e tecnologias visuais em pesquisa social: tendências e desafios**, *Análise Social*, XLVI (199): 237-259.

CANFIELD, Raíssa Lammel. **Da Ciberética à Cibercultura e a Representação do Androide no filme Blade Runner**, Revista *Todavia*, ano 4, nº 6 e 7, jun. 2013

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

COSTA, Úrsula Brancher da. **O facebook como ferramenta pedagógica nas aulas de Língua Inglesa**, Trabalho de conclusão de especialização, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/133736>> Acesso em: 18 jan. 2018.

COUTO, Everaldo Souza. **Pedagogias das conexões Compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais**, in *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, 445 p. ISBN 978-85-7879-283-1.

ESCOBAR, Arturo. **Bem-vindos à Cyberia: notas para uma antropologia da cibercultura** (1994). Traduzido por Tatiana Dassi, Jean Segata e Theophilos Rifiotis, a partir do original “Welcome to Cyberia: notes on the Anthropology of Cyberculture” (publicado no *Current Anthropology*, v. 35, n. 3, 1994, p. 211-231).

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Trad. de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017

FAVRET-SAADA, Jeanne (2005), “**Ser afetado**”, Cadernos de Campo, 13, 155-161.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LATOUR, Bruno. **Faturas / Fraturas: da Noção de Rede à Noção de Vínculo**. Traduzido por Theophilos Rifiotis, Jean Segata e Dalila Floriani Petry a partir do original “Factures / Fractures: de la notion de réseau à celle d’ attachment” in MICOUD, André. PERONI, Michel (org). **Ce qui nous relie**. Paris: Editions de l’Aube, La Tour d’Aigues, 2000. (p. 189-208) e publicado na **ILHA - Revista de Antropologia**, n. 17(2), 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUCENA, Simone; PEREIRA, Socorro e OLIVEIRA, Simone. **Redes e fluxos na iniciação à docência**; in App-learning: experiências de pesquisa e formação – Salvador : EDUFBA, 2016.

PERRENOUD, Philippe. **Formar professores em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica**. Rev. Bras. Educ. [online]. 1999, n.12, pp.05-21. ISSN 1413-2478.

PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar [online]**. Campina Grande: EDUEPB, 2014, 445 p. ISBN 978-85-7879-283-1.

NETO, Oliveira; VERSUTI, Andrea e VAZ, Wesley F. **Perspectivas para o uso do WhatsApp Messenger no estímulo à aprendizagem dos sujeitos**. in App-learning: experiências de pesquisa e formação – Salvador : EDUFBA, 2016.

RIBEIRO, Márcio Moretto e ORTELLADO, Pablo. **O que são e como lidar com as notícias falsas**. Sur – Revista Internacional de Direitos Humanos – SUR 27 – v.15
n.27 – 2018

SÁEZ, Calavia Oscar. **Esse obscuro objeto de pesquisa. Manual de método, técnicas e teses em Antropologia**. 1 Edição. Ilha de Santa Catarina, 2013.

SEGATA, Jean. **Redes, ou as coisas que Bruno Latour me roubou**. Artigo no blog Contrafeitos, 2011. Disponível em: <<http://contrafeitos.blogspot.com.br/2011/03/redes-ou-as-coisas-que-bruno-latour-me.html>> Acesso em: 18 jan. 2018.

SEGATA, Jean; RIFIOTIS Theophilos. (organizadores) **Políticas etnográficas no campo da cibercultura** – Brasília: ABA Publicações; Joinville: Editora Letradágua, 2016. 208p.

SCHWADE, Elisete. **Etnografia e Subjetividade na Pesquisa Antropológica**, Natal, 2016.

APÊNDICE I: TRABALHOS DOS EDUCANDOS TURMAS 36

03/07/19

Evellen Cristhine Souza de Moura T:36

Indivíduo e Sociedade A

Indivíduo - Alguém que nasce em uma determinada classe.

Eu como um indivíduo cresci com dificuldades, estudo e infelizmente nada é muito fácil nessa cidade, afinal a passagem está absurda, trabalho como estagiária e recebo uma merreca por hora.

Em geral me vejo como uma cidadã percebo que hoje em dia nada está fácil para ninguém.

Todos os dias acordamos cedo, largamos o filho na escola, pegamos o ônibus lotado, trabalhamos, pega ônibus de novo e vai para casa e logo em seguida vem estudar.

No final do mês muitos boletos para todos, contas... e no final nada resta.

Sociedade - Um acumulado de pessoas que dá tudo de si para conquistar suas coisas e sobreviver.

Infelizmente nem tudo dá certo temos uma sociedade, que não se importa com ninguém.

Racista, homofóbica, preconceituosa, etc.

Sociedade com classes, bairros, sonhos e objetos diferentes.

NOMES: Natielle Rosa e Juliano Alves

T:36

**EXERCÍCIO: DEBATER EM GRUPOS (OU DUPLAS) E ESCREVER UMA REFLEXÃO
CONSIDERANDO OS ASPECTOS DOS VALORES POSITIVISTAS DE “ORDEM E PROGRESSO” DO
GOVERNO E A REALIDADE DAS POLÍTICAS DE ESTADO**

Pelo o que entendemos, o positivismo é um sistema onde tudo tem que ser feito exatamente como uma “autoridade” maior propõe, nesse caso falaremos de leis.

Citaremos exemplos para que você caro leitor professor entenda.

A bandeira do Brasil e nosso governo atual segue a “risca” A ORDEM E O PROGRESSO, mas hoje em dia vemos claramente que a ordem e progresso do nosso atual mandato não está sendo a mesma ordem e progresso dos cidadãos brasileiros.

Nosso querido presidente diz que o “Brasil é acima de tudo e Deus acima de todos”, mas será mesmo que essas ideias e propostas dele de fazer o Brasil progredir realmente fará com que ele esteja acima de tudo?

A resposta da questão aqui é que a ordem e progresso do nosso governo não está nos fazendo realmente progredir ou ter ordem, temos como exemplo a **Reforma da Previdência**.

Quem garante que diminuindo a idade para se aposentar e cortando alguns gastos iremos economizar aos bilhões de reais como eles dizem? Isso pode ser um progresso, mas será um progresso daqui a 10 anos, e como fica o progresso atual? Pro governo é bom, mas com isso sendo aprovado como que os novos que estão começando a vida agora terão algum progresso, sabendo que vão trabalhar 65 anos SUADO, pra depois se aposentar perto de morrer e não conseguir sequer aproveitar o resto de vida que se tem, ou então realizar sonhos que planejaram a vida toda para a aposentadoria? Isso é progresso somente para o governo e não para nós!

A poucos dias, uma menina saiu de uma balada e foi colocada em uber pelos amigos, o motorista desviou o caminho, parou com o carro em um lugar afastado e a estuprou.

Como pode ver a imagem ABAIXO da notícia que saiu, os juízes envolvidos no caso, não deram muita importância no caso, simplesmente por que justificaram que a menina estava alcoolizada e por conta disso não lembrava muito bem o que havia acontecido... Cadê a ordem nisso? Temos leis, leis essas que deveriam nos proteger, agora, me diz, que ordem temos quando pessoas que deveriam nos dar proteção fazem exatamente ao contrario, e pior, por justificativas absurdas, é aquele ditado “OS MEIOS NÃO JUSTIFICAM OS FINS”, se a menina estava pelada, estava sã, bêbada, acordada, dormindo, ISSO NÃO IMPORTA, O ESTUPRO VEM BEM ANTES DISSO, os juízes deveriam de por ordem, seguir aquilo que eles chamam de leis para nos proteger e fazer com que outras pessoas como esse homem tenham receio em cometer esse tipo de crime, por saber que serão punidos, se isso acontecesse teríamos bem mais ordem do que atualmente .

LEIA MAIS

**Preso em operação
contra pedofilia, PM
paga fiança e
responderá em
liberdade**



**Médico que filmava abusos sexuais
durante consultas diz à polícia que
rótica "virou um vício"**

**Trinidosos usaram
armas de fogo em 80%
dos ataques a
motoristas de
aplicativos nos
últimos três anos**



**Depois de ficar 31 anos no
regime fechado,
homem é preso por
tentativa de estupro
durante saída
temporária**



**Motorista de aplicativo é condenado
a 10 anos por estupro de passageira
na Cidade Baixa, em Porto Alegre**

Nos 13 argumentos apresentados, os desembargadores Cristina Pereira Gonzales, que foi relatora do caso, João Batista Marques Tovo, Lizete Andreis Sebben e João Batista Marques Tovo consideraram que a vítima "admitiu o consumo de álcool naquele dia, o que ocorreu por sua livre e espontânea vontade". Os magistrados também questionaram o fato de os amigos não terem acompanhado a mulher no veículo em caso de ela estar sem condições de se locomover em razão de ter bebido.

"A vítima admitiu que, por vezes, já se colocava nesse tipo de situação de risco, ou seja, de beber e depois não lembrar do que aconteceu", afirmaram os magistrados no despacho.

Os desembargadores também pontuaram que não há provas do estado de embriaguez da vítima, que a mulher não

lembrava do ocorrido e que "não se pode descartar a possibilidade de as marcas apresentadas no pescoço e pernas da vítima decorrerem do próprio ato sexual".

Particularmente não concordamos com o positivismo porque ele consiste em "cada um no seu quadrado fazendo o seu dever sem interferir no dos outros, ou causar bauburdia", se não protestarmos contra algo que achamos errado, se não nos expressarmos quando algo esta saindo fora do controle para nós mas esta completamente certo para eles, como que vamos conquistar direitos, como que vamos conseguir criar leis que realmente nos protege, isso sim é progresso, é conseguir conquistas, conquistas que são boas para nós cidadãos e que não diminuem e nem prejudicam o governo, até porque o governo atual esta fazendo coisas que os favorecem mas nos prejudicam, isso não é e nunca será ORDEM E PROGRESSO

07.08.19

Nomes: Bianca Marques E Rhaissa Nunes t:36

Exercício:

Debater em grupos ou em duplas e escrever uma reflexão considerando os aspectos dos valores positivistas de "ordem e progresso" do governo e a realidade das políticas de estado.

É correto afirmar que o pensamento positivista gira em torno de uma tese; de que a sociedade pode sim atingir seu estado máximo de evolução se utilizar de meios façam conexão entre razão e a ciência

Acredito, assim como comte que a sociedade somente atingirá o progresso se antes alcançar a ordem, porém no governo que temos nos dias de hoje e visto que essa tal paz social é algo que se almeja a distância pois o governo (capitalista ao extremo) quer uma ordem da qual ele possa controlar, elaborando leis e regras que não favorecem a todas as classes sociais tornando uma ordem de sociedade inatingível para alguns. Mas se a sociedade se organizar externamente desta forma, progrediremos ou regrediremos?

APÊNDICE II: TRABALHOS DOS EDUCANDOS TURMAS 56

Sociologia

O homem e a mulher quando saem pra trabalhar tem suas rotinas.
exemplos: Os homens trabalham das 7 as 19:00, a mulher trabalha de termo das 8:00 as 16:00.

Quantas horas tem pra descansar?
Não muito pq tem que cuidar dos filhos, limpar casa, deixar as coisas organizadas para outro dia nem tem tempo para descansar.

O infernal de tudo é que os homens trabalham mais do que mulheres pelo mundo externo tem muitos que trabalham e muitos que estão atrás de um trabalho.

O rapaz trabalha 1h 30 para vender seu mates e ter seu sustento, mas ele chega em casa organiza tudo para o outro dia e não tem po para dormir dorme muito pouco.

Lisete da Silva Bica B
T. 56

- Nossa ideia é fundar um mercado de produtos orgânicos , onde nós iremos dar descontos para aqueles clientes que reciclarem as nossas embalagens de produtos utilizados e comprados em nosso mercado.
- Fundamos esse mercado coma ideia de melhorar nosso planeta.

A

- As embalagens que nossos clientes trouxerem serão encaminhadas para um estabelecimento, onde iremos reutilizar cada embalagem fazendo novas embalagens e assim sucessivamente, como um ciclo.
- Todas as pessoas terão acesso á nossos produtos, porque temos preços acessíveis.

- Mudar o pensamento das pessoas em geral sobre como é importante reciclar e como isso pode influenciar na nossa vida .
- Vamos estar dando um desconto de 2 reais para cada embalagens reciclada, o cliente deve comparecer em nossa loja com as embalagens para que possamos dar o desconto em sua próxima compra.

O planeta agradece você

- 6h de trabalho
- 15m de intervalo
- Funcionários
- 1 – o que cultiva os alimentos orgânicos.
- 2 – o que recicla as embalagens.
- 3 – o vendedor.

Casinha do amanhã

Um hotel permanente para cachorros de rua onde inclui uma clínica veterinária 24hrs.

Inclui bem estar, atividades físicas e tratamentos para animais necessitados.

Com funcionários especializados dentro veterinários auxiliares veterinários, recepcionistas e recreativos.

24 horas em funcionamento e resgate de animais de rua.

Aceitando sempre novas ajudas até mesmo voluntários que estejam dispostos a ajudar nesse ação.

Os animais são separados por ala de saúde, idade e condições físicas.

Uma ação que poucos podem oferecer: Um hotel clínico veterinário para animais de rua, podendo ter uma vida melhor e mais saudável.

Lusiane G. Dolasto

Turma: 66

Professora: Carla

Materia: Sociologia

A

APÊNDICE III: RELATÓRIO DE PLANO DE ATIVIDADE DA RP

PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA PLANO DE ATIVIDADE

O Plano de Atividade do Residente corresponde ao planejamento das atividades a serem desenvolvidas para atender **as 440 horas exigidas como requisito para o cumprimento da residência**. O documento deve ser elaborado pelo residente, juntamente com o seu preceptor e ser homologado pelo docente orientador.

1. IDENTIFICAÇÃO DO RESIDENTE

Residente:	Jean Felipe Motta	Nº Matrícula na IES	00229591
IES/Código	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS		
Curso	Licenciatura em Ciências Sociais		
Subprojeto/Código	UFRGS - MULTIDISCIPLINAR (ARTE, FILOSOFIA, SOCIOLOGIA)		
Docente Orientador	Leandro Raizer, Célia Caregnato e Rosimeri Aquino da Silva		
Preceptor:	Carla Pacheco		
Código/Escola (s)	43105246 - Escola Municipal Emilio Meyer		

PLANO DE ATIVIDADE

1. REGÊNCIA ESCOLAR: atividades desenvolvidas como regência na sala de aula (mínimo de 100 horas)

Atividade (turma, conteúdo que pretende abordar)	Período da realização da atividade	Código/escola (s)	Quantidade de horas
Turma 36 - Fundação da ciência moderna, Positivismo e Sociologia e Turma 56 - Os clássicos e o trabalho, trabalho na atualidade e precarização	Maio 2019	43105246	4
Turma 36 – Positivismo e as bases da fundação do Estado Brasileiro, questões do ENEM e Turma 56 – Trabalho hoje: flexibilização e uberização do trabalho	Junho 2019	43105246	16
Turma 36 – Conceito de indivíduo e sociedade e crítica ao liberalismo e Turma 56 – Juventudes e trabalho no Brasil	Julho 2019	43105246	16
Turma 36 – Sociedade e cultura do consumo e Turma 56 – Oficina sobre Vestibular na UFRGS, cotas e permanência	Agosto 2019	43105246	8
Turma 26 e 27 – Surgimento da sociologia e as abordagens clássicas. Questões do ENEM e vestibulares	Setembro 2019	43105246	16
Turma 26 e 27 - Constituição do indivíduo e sociedade. Cultura, etnocentrismo e relativismo cultural.	Outubro 2019	43105246	20
Turma 26 e 27 – Identidade e diversidade brasileira. Construção dos saberes na diversidade: saúde indígena.	Novembro 2019	43105246	20

2. atividades da residência desenvolvidas na escola – extra sala de aula

Descrição da Atividade	Período da realização da atividade	Quantidade de horas
Reunião Residência Pedagógica - Emilio Meyer	11/2018 e 03/2019.	12

3. atividades da residência desenvolvidas na ies

Descrição da Atividade	Período da realização da atividade	Quantidade de horas
Oficina Residência Pedagógica para estudantes do Estágio 2 – Ciências Sociais.	06/2019	4
Seminário Universidade e Escola: repensando as licenciaturas de Filosofia e Sociologia a partir da Residência Pedagógica	11/2019	8

4. ATIVIDADES DA RESIDÊNCIA DESENVOLVIDAS EM OUTROS ESPAÇOS (outros espaços educacionais, como feiras, congressos, secretaria de educação, etc)

Descrição da Atividade	Período da realização da atividade	Quantidade de horas

**Total de 440 horas
PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

RELATÓRIO DO RESIDENTE**5. IDENTIFICAÇÃO DO RESIDENTE**

Residente:	Jean Felipe Motta	Nº Matrícula na IES	00229591
IES/Código	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS		
Curso	Licenciatura em Ciências Sociais		
Subprojeto/Código	UFRGS - MULTIDISCIPLINAR (ARTE, FILOSOFIA, SOCIOLOGIA)		
Docente Orientador	Leandro Raizer, Célia Caregnato e Rosimeri Aquino da Silva		
Preceptor:	Carla Pacheco		

6. REGENCIA ESCOLAR (obrigação carga horária de no mínimo 100 horas para homologação)

6.1 Código/Nome da(s) Escola (s): 43105246 - Escola Municipal Emilio Meyer

6.2 Etapas de atuação: **Diagnóstico da Escola Emilio Meyer e regência pedagógica das turmas 36, 56, 26 e 27.**

6.3 Quantidade de turmas nas quais atuou: 4

6.4 Quantidade de alunos (somar os alunos, quando houver mais de uma turma): 50 alunas (os)

Descrição da Atividade	Per. da real. da ativ.	Quant. de horas	Conteúdos trabalhados	Metodologias e didáticas utilizadas
Turma 36 - Aula expositiva e dialogada Turma 56 – Aula expositiva e dialogada	Maio 2019	4	Turma 36 - Fundação da ciência moderna, sociologia e a escola do positivismo Turma 56 – Os clássicos e a relação com o conceito de trabalho na sociedade. O trabalho na atualidade e a precarização	36 – PPT, imagens e conversação orientada 56 - PPT, imagens e gráficos. Vídeo: “A emocionante história de um trabalhador que 'vive da praia' com 50 kg nas costas sob sol de 40º “ Exercício escrito e conversação orientada.
Turma 36 - Aula expositiva e dialogada Turma 56 – Aula expositiva e dialogada Oficina Residência Pedagógica	Junho 2019	16	Turma 36 – Positivismo e as bases da fundação do Estado Brasileiro, questões do ENEM Turma 56 – Trabalho hoje: flexibilização e uberização do trabalho Turmas de estágio 2	36 – PPT, conversação orientada, questões do ENEM e resolução. PPT construído coletivamente com fragmentos de exercício escrito sobre influência do positivismo na sociedade brasileira. 56 – Pesquisa dos alunos no laboratório de informática. PPT construído

				coletivamente com imagens pesquisadas pelos alunos . Leitura de notícias sobre a temática e conversação
--	--	--	--	--

<p>Turma 36 - Aula expositiva e dialogada</p> <p>Turma 56 – Aula expositiva e dialogada</p>	<p>Julho 2019</p>	<p>16</p>	<p>Turma 36 – Conceito de indivíduo e sociedade e crítica ao liberalismo</p> <p>Turma 56 – Juventudes e trabalho no Brasil. Ócio criativo e lazer no trabalho.</p>	<p>36 – PPT e conversação orientada</p> <p>Avaliação: dinâmica das redes</p> <p>56 – PPT, imagens e gráficos. Conversação orientada.</p> <p>Vídeo: “O Jovem e o Trampo”</p> <p>Debate sobre a temática.</p> <p>Avaliação: Trabalho em grupo: criação da empresa/profissão dos sonhos</p>
<p>Turma 36 - Aula expositiva e dialogada</p> <p>Turma 56 – Aula expositiva e dialogada</p>	<p>Agosto 2019</p>	<p>8</p>	<p>Turma 36 – Sociedade e cultura do consumo e</p> <p>Turma 56 – Oficina sobre Vestibular na UFRGS, cotas e permanência</p>	<p>36 – PPT e conversação orientada</p> <p>Vídeo (animação): “Homem - Man – de Steve Cutts”</p> <p>Debate sobre a temática.</p> <p>56 – Leitura e interpretação do material do Centro de Ações Afirmativas da UFRGS</p> <p>Vídeo: “Ingresso na UFRGS - Diálogos UFRGS”</p> <p>Debate sobre a temática.</p>
<p>Turmas 26 e 27 – Aula expositiva e dialogada</p>	<p>Setembro 2019</p>	<p>16</p>	<p>Turma 26 e 27 – Surgimento da sociologia e as abordagens clássicas. Questões do ENEM e vestibulares</p>	<p>26-27: PPT, conversação orientada, leitura e resolução de questões</p> <p>Vídeo: “Positivismo - Quer que eu desenhe – Mapa Mental – Descomplicando”</p>
<p>Turmas 26 e 27 – Aula expositiva e dialogada</p>	<p>Outubro 2019</p>	<p>20</p>	<p>Turma 26 e 27 - Constituição do indivíduo e sociedade. Cultura, etnocentrismo e relativismo cultural.</p>	<p>26-27 – PPT, conversação orientada e interpretação de imagens</p> <p>Vídeo: “Indivíduo e Coletivo”</p> <p>Exercício escrito e debate sobre as reflexões.</p>

Turmas 26 e 27 – Aula expositiva e dialogada	Novembro 2019	20	Turma 26 e 27 – Identidade e diversidade brasileira. Construção dos saberes na diversidade: saúde indígena.	26-27 – PPT, conversação orientada Vídeo: “Corpo São” Exercício escrito e debate sobre as reflexões.
--	---------------	----	---	--

7. DESCRIÇÃO/CRONOGRAMA DAS DEMAIS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA ESCOLA

Elaboração do Projeto	Período de realização	08/2018 a 12/2018	Quantidade de horas	170 horas
<p>A elaboração do projeto começou em agosto de 2018 com as reuniões que ocorreram no IES – UFRGS com o objetivo de apresentar a escola onde se desenvolveu a residência, bem como a preceptora, no entanto ingressei em um período de finalização do projeto, me dedicando especialmente aos aspectos culturais e sociais que observei no período em que estava a instituição. O planejamento das atividades de observação (da escola e das aulas) ocorreram com base nos calendários escolares do segundo semestre apresentados pela preceptora Carla, tendo pego o período de final do ano, entre datas comemorativas e atividades avaliativas de fim de semestre. As atividades de regência foram programadas conforme a disponibilidade das turmas e de cada residente. Porém, isso se confirmou no primeiro semestre de 2019. Os planos de aulas foram elaborados com base na estrutura dos conteúdos propostos de cada semestre. Foi apresentado, em reunião, pela preceptora Carla em conjunto com os professores Orientadores do IES, um modelo de plano de aula adotado para os três anos do Ensino Médio, para entendermos a dinâmica dos conteúdos.</p>				

Ambientação e conhecimento da escola	Período de realização	08/2018 a 12/2018	Quantidade de horas	160
<p>Descrição da atividade A ambientação aconteceu a partir da inserção na escola, inicialmente por meio de reuniões do grande grupo, posteriormente nas horas de observação das aulas da preceptora Carla e, por fim, na prática docente em si. Pude observar através do diagnóstico escolar diferenças padrões entre o perfil dos estudantes do diurno e noturno, normalmente devido a condição do estudante adolescente do diurno normalmente apenas estudar e do estudante do noturno ser de diferentes faixas etárias e trabalhar durante o dia. Dessa forma, realizar diferentes atividades em diferentes turnos e com distintas turmas demonstrou existir contextos e cultura escolar únicas.</p>				

Avaliação	Período de realização	05/2019 a 11/2019	Quantidade de horas	5
<p>Descrição da atividade A avaliação dos estudantes ocorreu de forma contínua, ou seja, com a metodologia de avaliação construtiva: a cada matéria foi realizado trabalhos sendo a maioria construído em período de sala de aula, tendo em vista o perfil das estudantes que é constituído estudantes trabalhadores Assim, optei por avaliar os trabalhos desenvolvidos, a participação, atenção e envolvimento em sala de aula. Destaco a participação nas dinâmicas, atividades dirigidas, utilização de PPTS de forma coletiva e a utilização de vídeos.</p>				

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O programa residência pedagógica me proporcionou uma experiência de imersão na escola, podendo conhecer diferentes contextos dentro da mesma instituição, bem como conhecer uma diversidade de estudantes. Ressalto a importância da vivência extra sala de aula, como o convívio com professores, ocupando os mesmos espaços e vivenciando a escola através das atividades do calendário escolar. O elo com os docentes orientadores da universidade foi importante, mas essencial a parceria e profissionalismo da preceptora professora Carla Pacheco. A realidade da escola pública, especialmente no ensino médio hoje, é complexa, tendo inúmeros desafios, alguns clássicos como a evasão escolar. Porém, a partir dessa vivência concluo que é exatamente neste espaço, cada vez mais disputado e carente que, a sociologia deve se manter como uma disciplina. Pois é aí que tem sentido o pensamento sociológico, onde a sua apropriação pelos estudantes, pode elucidar as inúmeras leituras da realidade social na qual estão inseridos.

ROSEMERI AQUINO DA SILVA

Docente Orientadora Preceptora
CARLA PACHECO

Residente
JEAN FELIPE MOTTA